

AS GRANDES VIAGENS
DA



**NATIONAL
GEOGRAPHIC
SOCIETY**

O ESTADO DE S. PAULO



**Estadão.
Plugado no
mundo.**

Coordenação editorial
Klick
editora

**MACHU
PICCHU**

MACHU PICCHU

A CIDADE NO CÉU

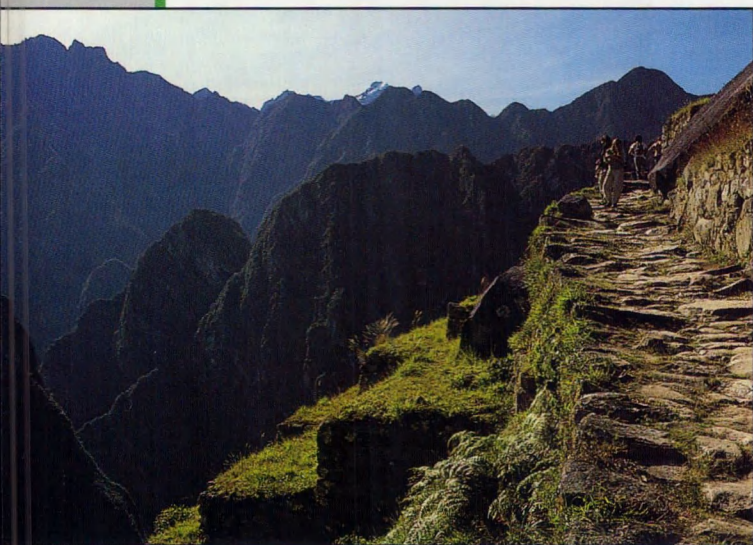
ENVOLTA EM
NEBLINA E
MISTÉRIO,
A BELA E
FANTÁSTICA
CIDADE DE
MACHU
PICCHU,
PÉROLA DA
ARQUITETURA
INCA, REINA
NO ALTO DOS
ANDES
PERUANOS.

CAPA: O PÔR-DO-SOL BANHA
DE LUZ DOURADA A PEDRA
DE INTIHUATANA. SEU
NOME, "LUGAR ONDE SE
AMARRA O SOL", INDICA
QUE ESSA ESCULTURA DE
GRANITO DEVIA SER USADA
PARA OBSERVAÇÕES
ASTRONÔMICAS.

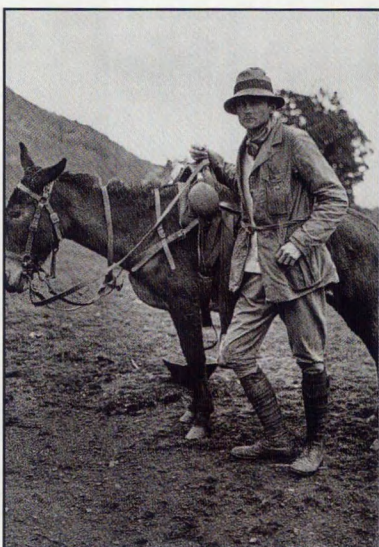
FOTOS: BOB SACHA (CAPA);
BRIAN VIKANDER (AO LADO)







O TRABALHO DURO DOS ANTIGOS INCAS PAVIMENTOU O CAMINHO DOS AVENTUREIROS DE HOJE (ACIMA), QUE SEGUEM A CHAMADA "TRILHA INCA" ATÉ MACHU PICCHU. EM 1911, O EXPLORADOR AMERICANO HIRAM BINGHAM (À DIREITA) DESCOBRIU AS RUÍNAS ESCONDIDAS SOB SÉCULOS DE VEGETAÇÃO SELVAGEM. O ANTROPÓLOGO JOHN ROWE (EMBAIXO) MEDE O ALINHAMENTO DO SOL COM A JANELA DE UM TEMPLO, DURANTE O SOLSTÍCIO DE JUNHO.



FOTOS ROBERT FRERCK/THE STOCK MARKET (ALTO); HENRY WARD FOOTE (CENTRO); BOB SACHA (EMBAIXO)

Estamos em uma trilha inca nos Andes peruanos, passando a noite acampados a 2.700 metros de altura. Várias pessoas do grupo, sentadas numa barraca iluminada unicamente por três velas enfiadas em latas de sardinha vazias, conversam sobre o lugar para onde vamos. O assunto que mais interessa são os mistérios e as lendas de Machu Picchu.

Segundo John, é ingênuo aceitar como verdadeira a teoria de que os conquistadores espanhóis nunca conseguiram encontrar a fortaleza inca. "Claro que a encontraram", diz ele. E assegura: "foram os espanhóis que expulsaram os incas". Não as cobras, nem as doenças, nem a seca. Ninguém sabe com certeza, mas quando um grupo de turistas ou exploradores está a apenas alguns quilômetros deste lugar mítico, a tentação de especular é irresistível.

O vento de inverno sopra com força, fazendo bater o tecido na entrada da nossa barraca. Um bando de vira-latas esqueléticos esperam do lado de fora pelos restos do nosso jantar. Ouvimos seus rosnados, enquanto lutam pelos melhores espaços. Seus antepassados provavelmente conheceram os incas, e também os espanhóis. Ampliando sua teoria, John afirma que os espanhóis deviam ter espiões e informantes que lhes contaram sobre a existência de Machu Picchu. Nunca foi uma cidade perdida, afirma.

Quem é John, e quem somos nós? Resposta: turistas com dor nos pés. Não estamos aqui para resolver nenhuma questão transcendental. Poderíamos ter tomado o trem em Cuzco, ficado satisfeitos com uma rápida expedição de um dia e uma breve caminhada pelas lendárias ruínas. É o que faz a maioria

dos turistas. Mas não, resolvemos ser heróis e "seguir a Trilha Inca" a pé. E assim aqui estamos, a quatro dias de distância de Cuzco, o "umbigo do mundo inca", e a dois dias de Machu Picchu, a rainha, a Marilyn Monroe das atrações turísticas: bela, enigmática, silenciosa. Arte de calendário. Um ícone.

Machu Picchu é considerada o mais importante sítio arqueológico das Américas. Cidade que vai se esparramando pelas encostas íngremes em incontáveis terraços simétricos projetados para a agricultura; cidade que parece a ilustração de uma metrópole de contos de fada, escavada em pedra, ornamentada com mosaicos, desafiando a lei da gravidade. Nosso grupo cede ao seu fascínio. Machu Picchu – palavras que repetidas muitas vezes têm uma cadência rítmica que agrada ao ouvido.

Da mesma forma que o misterioso círculo de pedras de Stonehenge, na Inglaterra, Machu Picchu também é sinônimo de algo desconhecido, indecifrado. A história

nos conta por quem e por que motivo foram construídos o coliseu de Roma, as pirâmides do Egito, os soldados de terracota enterrados em Xian, na China, bem como as cabanas dos vikings na Terra Nova canadense. Mas Machu Picchu estimula a imaginação porque, ao mesmo tempo que ainda está tão intacta e bem preservada, permanece tão inexplicada.

Os livros nos dizem pouco sobre ela. Que povos habitaram essa estranha comunidade abandonada? De onde vieram e o que provocou sua decadência? Em Machu Picchu sentimos a atração de uma cidade-fantasma; o espírito de uma fazenda abandonada; a surpresa de encontrar água num reservatório seco, os vestígios e alicerces de um povoado há muito esquecido.

Sabe-se apenas que a tribo dos incas vivia em torno de Cuzco, cidade importante dos altos Andes, desde cerca de 1200. Por volta do século XV, as estradas e trilhas incas, partindo de Cuzco, estendiam-se em todas as direções, percorriam uma infinidade de montanhas e florestas, até o oceano.

A noroeste de Cuzco pode-se ver um belo e amplo vale. Através dele corre o rio Urubamba, sagrado para os incas, em direção ao Amazonas. Neste vale foram construídas cidades e fortalezas incas e também floresceu a agricultura. Cidades bem organizadas, como Pisac e Ollantaytambo, cresceram e prosperaram com suas ruas planejadas e seus terraços agrícolas como jardins suspensos. São cidades que nunca morreram – até hoje têm moradores.

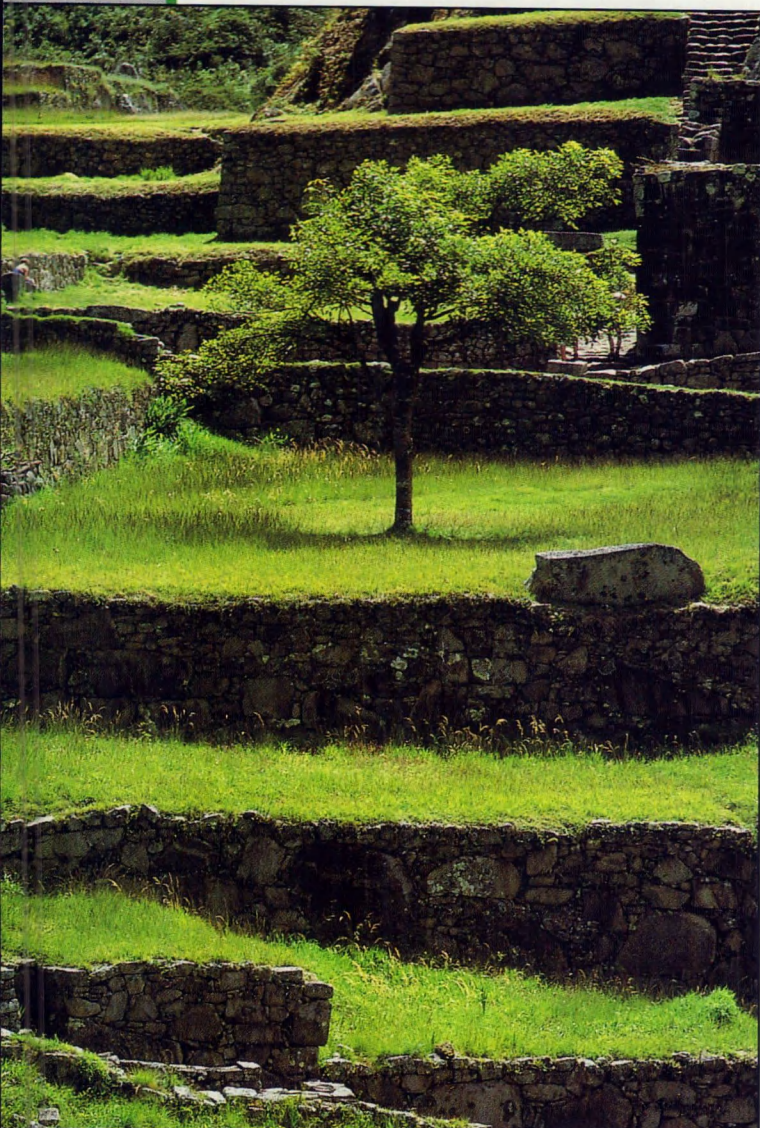
Os incas foram governados por oito chefes consecutivos até 1438, quando o guerreiro Pachacuti assumiu o poder. O império que ele criou estendeu-se por 4.800 quilômetros ao longo da costa oeste da América do Sul, desde o que hoje é a Colômbia até o centro do Chile – uma área equivalente a um terço da Europa. A velocidade com que cresceu o domínio dos incas foi espantosa. E assim também foi sua queda, derrotado por algumas centenas de conquistadores espanhóis. Entre a ascensão e a queda passaram-se apenas cem anos. De seus monumentos, o maior é a cidade de Machu Picchu.

Os estudiosos – arqueólogos, historiadores, astrônomos – já dedicaram muitos esforços para achar uma explicação plausível para este lugar. Até agora não conseguiram, mas as teorias são numerosas. Alguns dizem que Machu Picchu foi construída por uma civilização que existiu antes do breve século de ouro dos incas (1438-1532) e que estes apenas a ampliaram. Outros afirmam que Machu Picchu era um local cerimonial, morada dos altos sacerdotes incas e de mulheres esco-



MAPAS: ALEX TAIT (EQUATOR GRAPHICS)

VIVENDO SUA ASCENSÃO E QUEDA EM MENOS DE UM SÉCULO, O VASTO IMPÉRIO INCA ABRANGIA A MAIOR PARTE DOS ANDES. MUITOS LOCAIS AINDA SOBREVIVEM, ENTRE ELES AS CIDADES DE PISAC E OLLANTAYTAMBO (MAPA)



FOTOS: DON MASON/WEST STOCK (ACIMA);
ART WOLFE (ABAIXO)

ESCAVADOS NA ROCHA DAS
ALTAS MONTANHAS ANDINAS
(ACIMA), OS TERRAÇOS PRO-
DUZIAM MILHO E BATATA
PARA OS ANTIGOS HABI-
TANTES DE MACHU PICCHU.
MESTRES DA IRRIGAÇÃO,
CANALIZAVAM ÁGUA EM
AQUEDUTOS DE PEDRA PARA
AS PLANTAÇÕES E RESER-
VATÓRIOS. A LÃ DA LHAMA
(À DIREITA) DÁ PROTEÇÃO
TANTO PARA O ANIMAL
QUANTO PARA O GAROTO,
NO GELADO CUME DAS
MONTANHAS.



lhidas, chamadas Virgens do Sol, e que nunca foi uma comunidade normal. Ou que era propriedade privada do imperador Pachacuti. Ou talvez seu último refúgio, uma fortaleza onde os incas se esconderam dos sanguinários espanhóis famintos de ouro e conquistas.

Hiram Bingham, jovem professor de história da Universidade de Yale, que tem o crédito de ter “descoberto” Machu Picchu em 1911, também não entendeu o que encontrou. E a cidade nem estava realmente “perdida” – Bingham encontrou paredes pichadas com grafite de 1902. Sob o patrocínio da Universidade de Yale e da National Geographic Society, o professor buscava a última capital dos incas, onde provavelmente engenheiros e artesãos empenharam-se em um último esforço para resistir aos espanhóis. Ele deu o nome de Vilcabamba à cidade que procurava.

Quando índios nativos o levaram até Machu Picchu (velho pico), perto de uma ampla curva do rio Urubamba, Bingham encontrou vastas ruínas cobertas de mato. Notou vestígios de pequenas casas, templos, torres, altares, canais de irrigação e milhares de degraus e terraços. Tudo muito interessante, pensou, mas, infelizmente, não era Vilcabamba.

Bingham seguiu viagem no dia seguinte, mas as ruínas que ele descobriu iriam tornar-se um dos destinos de viagem mais procurados do mundo. O professor voltou em 1912 para supervisionar a limpeza e mapeamento da área. Foi então que as fotografias deste lugar espantoso, místico – envolto em névoa, banhado pela luz da manhã ou iluminado por uma lua fantasmagórica – começaram a aparecer em pôsteres e calendários nas agências de viagens e companhias de aviação.

Nosso último dia na trilha para Machu Picchu é mais fácil. Uma descida que vai até cerca de 2.400 metros de altitude: floresta cerrada, queimadas nas escarpas vizinhas, papagaios, orquídeas, pequenas fazendas, cheiro de carne assada, borboletas, barulhen-

tos perus. E, por fim, Santa Teresa, cidade poeirenta, tipo faroeste, com trilhos de trem na rua principal.

Pegamos o trem local para percorrer o último trecho até Machu Picchu. Atrás de outra cadeia de montanhas, para além das investigações da ciência ou da compreensão da história, o vale do rio Urubamba vai se estreitando, formando um labirinto de canyons escarpados, inacessíveis. Aqui, numa curva em ferradura do rio Urubamba, bem acima de um formidável fosso natural cavado por suas águas

revoltas, alguém construiu a mágica Machu Picchu.

Descemos na estação Puente Ruinas onde também chegam os turistas vindos de Cuzco. Em seguida, um ônibus poeirento, rangendo nas marchas, sobe em zigue-zague os últimos 700 metros, até que, por fim, o

pobre motor descansa, tremendo, em frente ao hotel.

Mas o fato é que chegamos – estamos em Machu Picchu. Berço do império inca ou seu esconderijo final? Seja o que for, está bem ali, no escuro, atrás de um portão de pedra, no fim de um caminho de cascalho. A magnífica foto, tão clichê, do velho pôster turístico.

E aqui vamos nós, à noite, fazendo ranger o cascalho junto com outros turistas, seguindo a luz das lanternas. A lua, uma fina fatia obscurecida pelas nuvens, produz uma luz fantasmagórica, intermitente, suficiente apenas para percebermos que estamos caminhando entre muralhas de pedra, contornando os altos terraços e jardins suspensos, subindo longos lances de escadas de granito que parecem escavados na própria crosta terrestre. Distinguimos o formato de muitas casas, com seus telhados pontiagudos apontando para a lua.

A subida noturna por esse labirinto mal-assombrado termina na praça central. Os estudiosos dos costumes incas dizem que ali era o centro espiritual do lugar, reservado aos sacerdotes, aos astrônomos e às virgens sagradas. Provavelmente sacrifícios humanos eram feitos ali mesmo, na praça. Porém, não dispomos de informações diretas. Os incas eram habilidosos engenheiros e pedreiros, mas não tinham uma linguagem escrita.

Na luz fraca vejo alguns turistas dirigindo-se para um grande altar de pedra. Lá chegando, apóiam reverentemente as mãos no granito branco, rico em quartzo, feldspato, mica e outras substâncias “New Age” que, segundo dizem, têm boas vibrações. Ouço um tambor. Vejo um xamã num longo manto, cajado na mão. Noto, à distância, uma procissão de velas tremulantes. Alguns visitantes sentam-se em postura de meditação.

Depois de uma hora de caminhada, a vontade de deitar numa cama de verdade e dormir é mais poderosa do que a magia dos deuses incas. Mas, cedo na manhã seguinte, lá estamos nós de novo. À luz do dia, Machu Picchu é realmente a Machu Picchu dos cartões postais e pôsteres de viagem.

Paramos para apreciar de perto a grande pedra em que os sacerdotes incas “amarravam” o sol para garantir que ele voltasse após o solstício de dezembro. Em torno dela há cinco quilômetros quadrados de ruínas para explorar, uma Pompéia no céu: o Mausoléu, a Rocha Sagrada, a Pedreira, o Templo das Três Janelas, a Pedra do Condor, o Templo Principal. Provavelmente nomes errados, dados a coisas que não compreendemos.

Depois do café da manhã, começam a chegar ônibus trazendo os turistas de um dia, um exército feliz e falante, usando suéteres de alpaca e ponchos comprados nas lojas de Cuzco. Carregam câmaras de vídeo, binóculos, cantis, guias, mochilas. Cedemos a eles as ruínas. Afinal, nós chegamos ontem à noite, somos veteranos, os *machus*, os velhos.

É hora do nosso pequeno grupo sair e deixar novamente a montanha para os deuses.

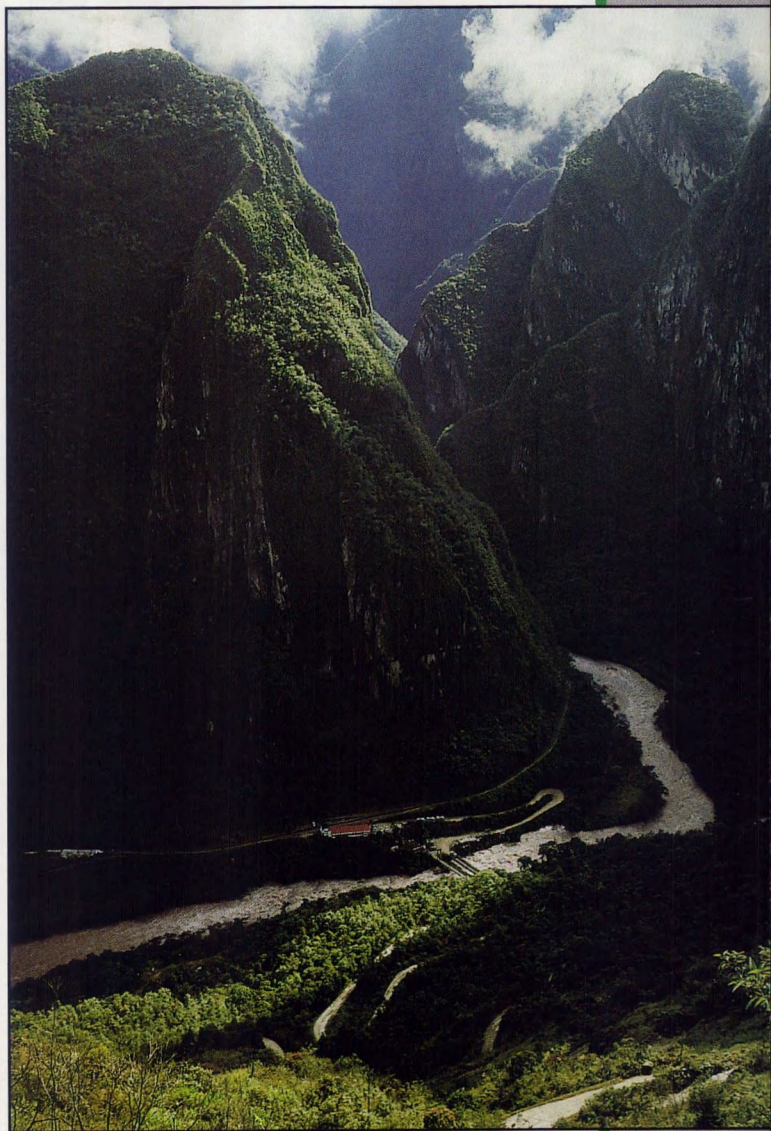


FOTO: LINDA B. MEYERIECKS/NGS

ÍNGREMES DESFILADEIROS CONTRASTAM COM O CLIMA SUAVE QUE LEVOU OS COLONIZADORES INCAS AO VALE DO URUBAMBA. A MAIORIA DOS TURISTAS VIAJA DE TREM; AINDA NÃO HÁ RODOVIAS PARA ESSA REGIÃO QUENTE E FÉRTIL, 700 METROS ABAIXO DE MACHU PICCHU.

MACHU PICCHU

V I A J E B E M

INFORMAÇÃO BÁSICA

Cidadãos brasileiros não precisam de visto para entrar no Peru. Em viagens de trem, basta carteira de identidade. A moeda nacional é o *soles nuevos*.

O país tem três línguas oficiais: espanhol, quêchua e aimará. Em Cuzco e na área em torno de Machu Picchu, os índios falam quêchua e espanhol.

QUANDO IR

A melhor época para se visitar Machu Picchu é na estação seca, de maio a setembro. Na época das chuvas, de dezembro a fevereiro, os rios transbordam e muitas estradas ficam bloqueadas.

COMO CHEGAR

A pé: O trem local (não o trem turístico) que sai de Cuzco leva os excursionistas até o quilômetro 88, onde começa a Trilha Inca, de 43 quilômetros, que vai até Machu Picchu. A caminhada demora de três a seis dias.

De avião: Até o aeroporto de Cuzco. Depois a pé ou de trem até Machu Picchu.

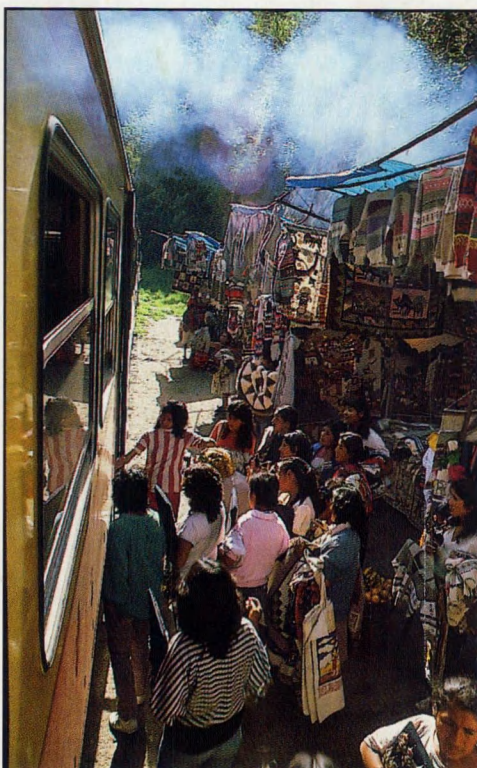
De trem: Partem diariamente da estação San Pedro de Cuzco, e chegam depois de três horas e meia de viagem na estação de Puente Ruínas, 700 metros abaixo de Machu Picchu. De lá, saem ônibus que sobem as montanhas até o local das ruínas.

ONDE FICAR

Muitos visitantes ficam hospedados em Cuzco e fazem excursões de um dia para Machu Picchu e outros locais próximos.

O QUE HÁ PARA VER E FAZER

Cuzco e redondezas: As muralhas de pedra feitas pelos incas ainda se alinham ao longo das estreitas ruas de paralelepípedos. Os espanhóis, para impor sua cultura, derrubaram templos e palá-



GREGORY G. DIMIJIAN

AO LADO DO TREM, VENDEDORES OFERECEM CHAPÉUS, SUÉTERES E OUTROS ARTIGOS DO ARTESANATO INDÍGENA, NA ESTAÇÃO PRÓXIMA DE MACHU PICCHU.

cios incas e construíram igrejas em cima. Um único bilhete serve de ingresso para 14 locais de Cuzco e redondezas, incluindo a catedral, a igreja de São Domingos, o Museu Arqueológico, Sacsahuamán e Pisac.

Machu Picchu: Está a cerca de 110 quilômetros a noroeste de Cuzco. Visitas diárias das 7h30 às 17h00 horas.

Ollantaytambo: Está a cerca de 90 quilômetros a noroeste de Cuzco. Um dos melhores exemplos do planejamento urbano inca, que não foi reconstruído pelos espanhóis. Acima da cidade ficam as ruínas de uma fortaleza inca.

Pisac: A cerca de 32 quilômetros a nordeste de Cuzco, essa cidade é conhecida pelo seu mercado às quintas-feiras e domingos. No alto de uma colina ficam as ruínas de

uma fortaleza inca, com um grande cemitério e uma vista espetacular de um vale recortado nos Andes, com seus terraços para agricultura cavados nas rochas.

Sacsahuamán: Com vista para Cuzco, essa fortaleza inca fica a 40 minutos de caminhada do centro da cidade.

É BOM SABER

Não se exigem vacinas, mas recomenda-se tomar vacina contra febre amarela, assim como uma injeção de soro-globulina para proteção contra a hepatite A. Para evitar a hepatite A ou o cólera, beba apenas bebidas engarrafadas, coma alimentos bem cozidos, descasque todas as frutas e evite saladas e gelo. Cuzco fica a mais de 3.300 metros de altitude e alguns viajantes sofrem do chamado mal das alturas: fadiga, falta de ar, náusea e dor de cabeça. Para evitá-lo, coma muito carboidrato, beba muita água e evite o sal alguns dias antes da viagem. Ao chegar, beba chá de coca e descanse algumas horas, aumentando gradualmente as atividades.

ALERTA

Ladrões e batedores de carteira são abundantes no Peru, em especial nos mercados, estações de trem e outras áreas turísticas muito frequentadas. Não use jóias nem relógios caros, e leve seus valores bem protegidos.

COMPRAS

Os artigos típicos da região andina são a prata e artigos de lã e couro. Pode-se comprar suéteres de alpaca, jóias, artigos de couro, tapetes e cerâmicas nas lojas de Cuzco; e nos mercados de Cuzco, Pisac e outras aldeias, que normalmente se realizam aos domingos.

TEXTO ADAPTADO E CONDENSADO DO ARTIGO DE CHARLES B. BARNARD, DA NATIONAL GEOGRAPHIC TRAVELER. TRADUÇÃO: ISA MARA LANDO

AS GRANDES VIAGENS

DA



NATIONAL
GEOGRAPHIC
SOCIETY

O ESTADO DE S. PAULO



Estadão.
Plugado no
mundo.



BERLIM

O Triunfo de BERLIM

Com a queda do Muro, em 1989, e a reunificação, em 1990, renasce o espírito indomável da velha e nova capital da Alemanha, presente em todos os aspectos da vida da cidade.

Para gostar de Berlim é preciso compreender a importância da liberdade e o quanto ela já foi reaverenciada e maltratada nesta cidade.

Por 28 anos, desde que o Muro começou a dividir a Berlim Oriental da Ocidental, em 1961, até sua queda, em 1989, visitantes fizeram questão de subir até os postos de observação para dar uma espiada no vizinho país-prisão, a Alemanha Oriental, ou República Democrática Alemã (RDA). Avistavam duas cidades, duas caricaturas: a leste, um

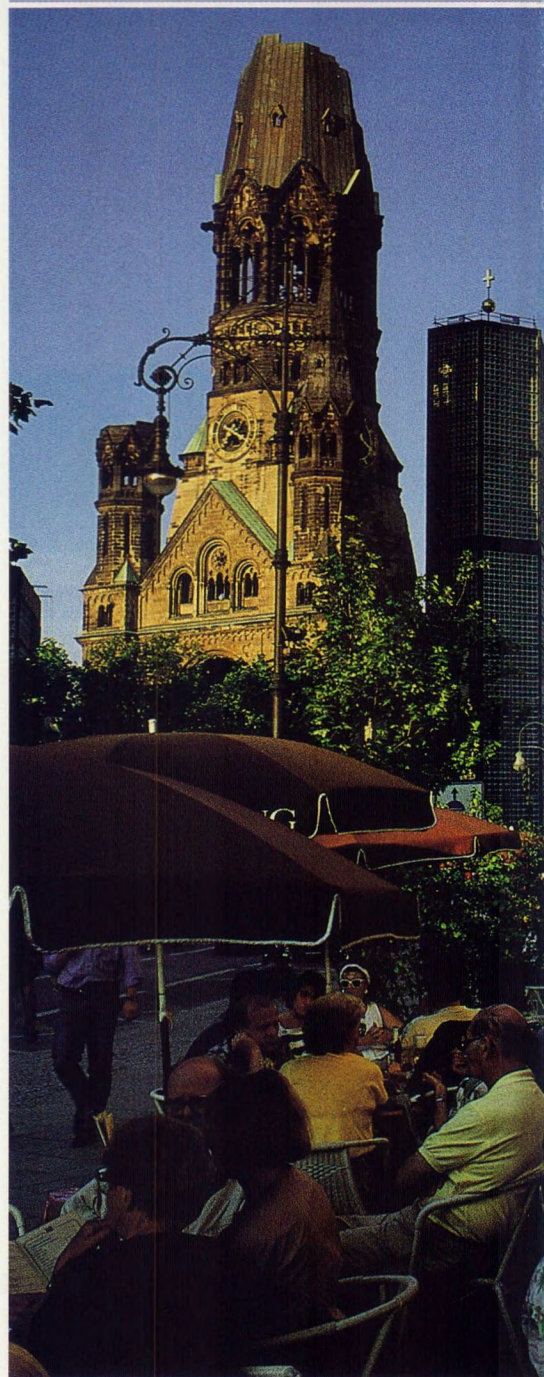
estado policial sombrio e burocrático; a oeste, uma ilha de capitalismo artificial e dinamismo exagerado. As relações entre as duas Berlins pareciam improváveis, e a reunificação, um sonho ingênuo.

Assim, foi com uma sensação de irrealidade que subi no barco turístico *Brigitte*, numa radiante manhã de verão, para fazer junto com outros 40 turistas um passeio pelo coração de Berlim, navegando pelo rio Spree. Garçonetes serviam sucos e café enquanto velhas pontes de pedra escura, apoiadas em ursos e gárgulas entalhadas, deslizavam sobre nossas cabeças.

No local onde o rio faz uma curva em torno do frondoso parque central da cidade, o Tiergarten, pessoas tomavam banho de sol, algumas "vestindo" só um par de fones de ouvido. Famílias turcas assavam seu tradicional *kebab* à sombra das castanheiras. Um som suave e rítmico de sinos indianos filtrava-se através do bosque vindo do Tempodrom, um palco ao ar livre.

O rio, serpenteando para o sul, deixa o parque para trás. Na margem direita, um edifício de triste memória: o Reichstag, sede do parlamento alemão antes do Terceiro Reich. Presas em vigas de madeira ao longo da margem há seis escadas de alumínio, colocadas ali para ajudar os que arriscavam a vida tentando fugir a nado para o lado ocidental. Uma fila de cruzes lembra os que não conseguiram.

Do lado leste do rio vem o cheiro de carvão queimado, o "perfume" do socialismo. A torre de televisão do lado oriental, com 365 metros de altura, eleva-se sobre os sombrios



Café perto da Igreja Kaiser Wilhelm, na Ku'damm

Capa: Restaurado em seu esplendor, o Portão de Brandemburgo reina sobre Berlim unificada. Com 204 anos, é coroado por Nike, deusa grega da vitória.



Mercado em frente a uma estação de trem, no lado oriental



Fofi's, um dos restaurantes chiques do lado ocidental

edifícios de pedra. De repente me vi de volta na antiga Berlim Oriental. Mas desta vez, chegar lá foi incrivelmente simples. É bem verdade que as duas cidades ainda se confrontam nas margens do rio Spree; mas sua maior atração – e maior vergonha – já se foi. O Muro de Berlim não existe mais. Sua demolição foi tão rápida que um viajante que nunca antes houvesse estado em Berlim não o acharia facilmente. E as duas Berlins do passado vão rapidamente se reacostumando a ser uma só.

Boa parte desta minha visita à Berlim unificada foi passada nas calçadas da avenida-vitrine chamada Kurfürstendamm, ou só Ku'damm, no centro da parte ocidental da cidade. A Ku'damm estende-se como uma galeria, numa cidade onde há 6.500 bares e restaurantes, e lojas de cores vibrantes que vendem roupas de couro, camisas de seda e minissaías. No verão, os cafés nas calçadas rivalizam com os de Paris.

Os berlineses são os novaiorquinos da Alemanha, mas talvez preferissem ser os franceses. Seu legado vem dos huguenotes franceses, que lá chegaram nos séculos XVII e XVIII fugindo das perseguições religiosas. Uma de suas marcas na cidade é o *boulette*, um hambúrguer de ervas, ainda melhor quando comprado em um *Imbiss*, um carrinho de calçada.

Pela manhã, sento-me no famoso Café Kranzler, na Ku'damm. Tomo café com leite numa tijela, à moda de Berlim e Paris, e aprecio o desfile humano com toda a sua fascinante variedade. Matronas elegantes, perfumadas e envoltas em seda, passeiam entre os bistrôs e as butiques. A principal loja de departamentos de Berlim, o Kaufhaus des Westens (KaDeWe), numa travessa da Ku'damm, assombrou os berlineses orientais que invadiram a parte ocidental da cidade em 1989. Após uma vida inteira de escassez, só na seção de frios da KaDeWe, eles encontraram nada menos do que 48 variedades de presunto.

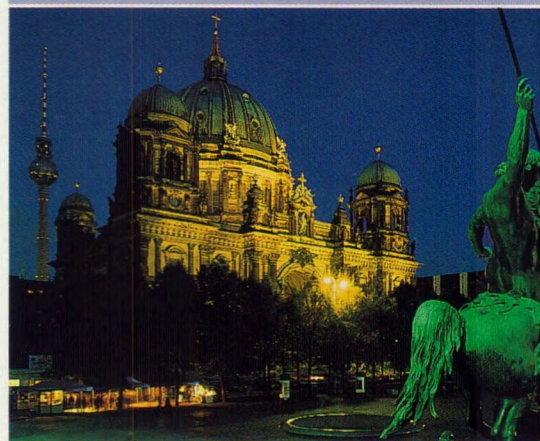
Berlim é o paraíso dos notívagos; muitos bares nunca fecham, e alguns só começam a se animar às 5

da manhã. Astros do jazz internacional se apresentam no Quasimodo e outros clubes da moda e pelo menos três cabarês, com shows de travestis, satisfazem os turistas curiosos para ver a decadência "berlinesa". A vida urbana tem seu auge em volta da Igreja Memorial Kaiser Wilhelm, cujo campanário permanece em ruínas como lembrança da loucura da guerra. Ao lado dela, há uma nova igreja octogonal, com campanário hexagonal de vitrais azuis, que os berlineses apelidaram de "pó compacto e batom". A praça é vagamente soturna e perigosa. Os moradores "sérios" de Berlim evitam o local à noite. Ninguém na praça parece ter mais de 30 anos. O rock vibra nos alto-falantes, mochileiros descansam nas calçadas e grupos de punks exibem suas cristas.

A *intelligentsia* de Berlim – uma mistura de intelectuais, escritores, artistas, estrelas de cinema e respetivos tletes – reúne-se nos cafés. Existem milhares desses cafés na cidade. Dentro deles, a decoração costuma seguir o estilo Berlim-chique: mobília antiga, paredes amareladas e decoradas com pôsteres de quadros de Chagall. Semi-escuridão, fumaça e boa comida. Nada de música; só muita conversa e descontração.

Em um destes cafés, meu amigo pediu um chocolate quente e o garçom quase lhe jogou o cardápio no rosto. "É melhor olhar antes de pedir. Se você quer chocolate, vá a um café da próxima quadra. Lá eles têm um monte de chocolate". Esta é a *Berliner Schnauze*, uma arrogância casual que tanto irrita quanto diverte os berlineses. Turistas devem aturá-la com bom humor e, sempre que possível, devolver na mesma medida.

Outra noite assisto a um show de jazz gratuito no Jardim Inglês do parque Tiergarten, um chalé rodeado de flores e folhagens ornamentais. Famílias fazem piqueniques, crianças dançam e coelhos comem trevos. A música flutua na luz dourada da ainda ensolarada noite de verão. Casais idosos passeiam de mãos dadas entre as roseiras. Das



Catedral e torre de televisão do lado leste.

Cenários e diversões variados entretêm os visitantes à noite. Os animados cabarês são frequentados sobretudo por turistas.



Show para turistas em um cabaré berlinesa



A Filarmônica, com o Teatro de Música de Câmara à esquerda

Muitos apresentam mulheres de topless em números ousados. Alternativas mais pacatas na ex-Berlim Oriental incluem um passeio pela catedral ou um coquetel no restaurante giratório da torre da tele-



O Theater des Westens, perto de Ku'damm, erguido em 1896

visão. Para os fãs de música, há várias opções: dos musicais e operetas do Theater des Westens à Filarmônica de Berlim, em um prédio assimétrico dos anos 60.



barracas de comida vem o cheiro de cebola e bacon fritos. Tomo sopa de batatas e devoro batatas assadas com bacon, uma porção de *Sauerkraut*, uma caneca de cerveja - e afrouxo o cinto. Não perca tempo procurando bufês de saladas em Berlim.

O Tiergarten tem um dos maiores e melhores jardins zoológicos da Europa. Nos fins de semana, um imenso mercado de pulgas se esparrama pela vizinhança da estação de bonde do parque. Entre a costureira miscelânea de roupas, porcelanas, sapatos e discos, há lindos cartões postais antigos, gravuras e selos. Também há peças de máquinas industriais, engrenagens, porcas e parafusos. Só mesmo na Alemanha.

A leste do Tiergarten eleva-se o Portão de Brandemburgo, um símbolo da cidade. Monumento triunfal terminado em 1791, é encimado por uma carruagem de bronze levando Nike, a deusa grega da vitória. Do outro lado fica o bulevar Unter den Linden, reconstruído pela ex-Alemanha Oriental. Antigamente, ele servia de ligação entre os palácios dos Brandemburgo, príncipes da Prússia, e o parque onde caçavam.

Isolado durante 28 anos pela polícia do lado oriental, o Portão de Brandemburgo parecia inviolável como um mausoléu. Agora, pode-se caminhar livremente entre suas colunas, sempre rodeadas por um batalhão de camelôs - as tropas de choque da iniciativa privada local.

A Potsdamer Platz, antiga área de fronteira, era minada e continuamente patrulhada por guardas com metralhadoras e cães ferozes. Hoje os turistas passeiam ali por atalhos improvisados e se reúnem junto à uma pequena elevação de terra que marca o local do *bunker*, o refúgio final de Adolf Hitler. Do local, é difícil ver onde ficava o Muro. Os berlinenses apagaram quase todos os vestígios de seus 160 quilômetros. Os poucos trechos ainda de pé são memoriais de concreto à cidade dividida.

Berlim Oriental nos oferece uma boa chance de pesquisar o passado. Aqui, o comunismo manteve a

sociedade congelada por anos e as construções privadas foram paralisadas. Boa parte das edificações remanescentes do período imperial - o teatro de ópera, museus, palácios, embaixadas - permanece intacta, tais como foram projetadas por Karl Friedrich Schinkel, arquiteto berlinense do século XIX. Três museus de categoria internacional exibem obras clássicas da Antiguidade, entre elas o conhecido Altar de Pergamon. O bairro de São Nicolau foi transformado numa espécie de terra medieval turística, embora não falem butiques e lojas modernas, além de bares e restaurantes com nomes pitorescos. Foi na Igreja de São Nicolau, que, em 1307, os representantes das duas vilas de pescadores, Cölln e Berlim, fizeram o pacto de unificação que deu origem à cidade atual.

Na antiga atração turística de Berlim Oriental, a *Fernsehturm*, ou Torre de Televisão, espero numa fila por 15 minutos para poder almoçar no restaurante giratório, 207 metros acima da cidade. Enquanto o salão vai girando, avisto a fumaça das fábricas, os congestionamentos de trânsito, a mancha verde-oliva do Tiergarten junto ao rio Spree.

Em Kreuzberg, antigo bairro da parte ocidental da cidade que ficava junto ao Muro, há uma grande comunidade de turcos residentes em Berlim. O mercado do bairro, aberto às terças e sextas-feiras, do meio-dia até à noite, é repleto de idiomas e aromas exóticos. Homens com grandes bigodes negros vendem melões, pão com gergelim em cestas, temperos, queijos e azeitonas em barris. Mulheres com o tradicional véu muçulmano andam entre as barracas fazendo compras.

Ao voltar do meu passeio de barco naquela manhã de verão começou a soprar um vento forte, trazendo nuvens ameaçadoras. Mas o ar de Berlim, o famoso *Berliner Luft*, penetrante e limpo, apenas enfuna as velas de uma multidão de barcos que navega ao nosso redor pelas águas do Spree. Respiramos bem fundo. A liberdade, como os berlinenses bem sabem, deve ser saboreada.

Museus de Berlim

Dividida durante tanto tempo, hoje Berlim oferece em dobro os tesouros culturais de uma metrópole. Aqui, uma amostra de seus mais de 100 museus.

Ägyptisches Museum (Museu Egípcio), Schloss Strasse 70, Charlottenburg. tel. 320-91-1. O busto da rainha Nefertiti e objetos cotidianos dos egípcios, da pré-história até o século VII. Diariamente, menos sexta.

Altes Museum (Museu Antigo), Bodestr. 1-3 (entrada por Lustgarten), Museumsinsel. tel. 203-55-0. Uma das maiores obras do arquiteto Karl Friedrich Schinkel. Exposições de arte antiga. De quarta a domingo.

Berlin Museum (Museu de Berlim), Lindenstr. 14, Kreuzberg. tel. 258-62-839. Mostra a história de Berlim desde meados do século XVII. Explicações em alemão. Diariamente, menos segunda.

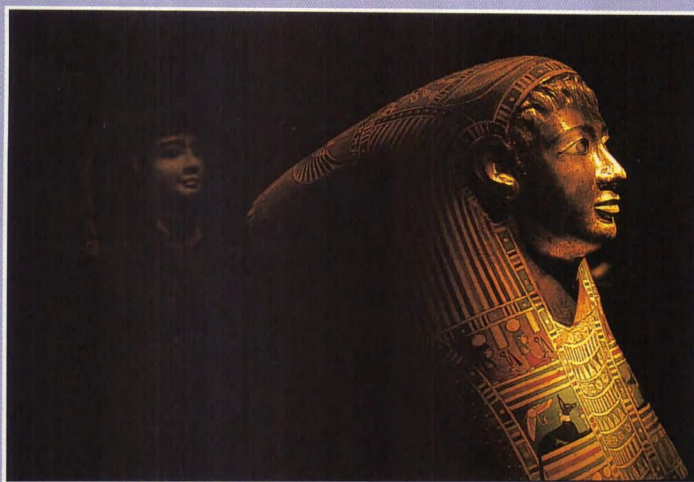
Bode-Museum, Bodestr. 1-3 (entrada pela Monbijoubrücke), Museumsinsel. tel. 203-55-0. Inclui o Museu Egípcio e coleção de papiros, coleções bizantina e cristã primitiva, coleção de esculturas, galeria de pintura, Museu de História Primitiva e Antiga e Mostra de Moedas e Medalhas. De quarta a domingo.

Brücke-Museum, Bussardsteig 9, Dahlem. tel. 831-20-29. Arte expressionista do Die Brücke (A Ponte), famoso grupo estabelecido em Dresden em 1905. Diariamente, menos terça.

Gemäldegalerie (Galeria de Pinturas), Arnimallee 23-27, Dahlem. tel. 830-11. Principal museu de arte de Berlim. Ampla visão da pintura européia do século XIII ao XVIII; Skulpturengalerie (Galeria de Esculturas), acervo da Renascença italiana e do período gótico alemão. Diariamente, menos segunda.

Museum Haus am Checkpoint Charlie (Museu do Checkpoint Charlie), Friedrichstr 44, Kreuzberg. tel. 251-10-31. Construído perto do mais conhecido posto de fiscalização da antiga fronteira entre as duas Berlins, é chamado de Museu do Muro. Mostra sombrias recordações do período de sua existência, entre 1961 e 1989. Aberto diariamente.

Nationalgalerie (Galeria Nacional), Bodestr. 1-3, Museumsinsel. tel.



Máscaras de múmias, cerca do ano 20 d.C., no Museu Egípcio



"Amor e Psiquê" (1864), de Reinhold Begas, na Nationalgalerie

203-55-305. Um templo coríntio que abriga pinturas e esculturas alemãs e francesas do século XIX até a primeira metade do século XX. De quarta a domingo.

Pergamon-Museum (Museu Pergamon), Am Kupfergraben, Museumsinsel. tel. 203-55-0. Antiguidades do Oriente Médio, da Grécia e de Roma, incluindo o célebre Altar de Pergamon, obra-prima do período. Diariamente.



Altar de Pergamon, 180-160 a.C., no Museu Pergamon

O Triunfo de BERLIM

V I A J E B E M

Estrategicamente posicionada no centro geográfico da Europa, Berlim é a maior metrópole da Alemanha reunificada. Por ironia do destino, a cidade já nasceu dividida: originalmente eram duas aldeias de pescadores – Cölln e Berlim – que surgiram no século XIII em lados opostos do rio Spree, e foram unificadas em 1307.

Enquanto existiu o Muro, os 480 quilômetros quadrados de rios, florestas, lagos e parques de Berlim Oriental ajudaram a amenizar a claustrofobia de seus moradores, restritos ao território

temperaturas entre 1°C e 4°C negativos, ventos fortes, chuva e, ocasionalmente, neve e gelo.

COMO CHEGAR

De avião: A maioria dos vôos internacionais chega no aeroporto de Berlim-Tegel, oito quilômetros a noroeste do centro da cidade. De Tegel, há ônibus para Berlim por 2,7 marcos alemães. Táxis custam cerca de 25 marcos.

De carro: Alugar um carro em Berlim não é aconselhável: é difícil estacionar

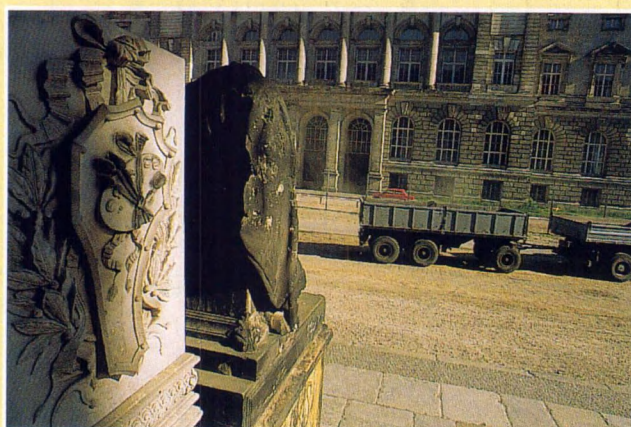
É BOM SABER

Cobra-se uma taxa de 14% sobre todas as compras, que pode ser parcialmente ressarcida nos gastos superiores a 60 marcos alemães; apresente seus recibos de compras na alfândega do aeroporto. As gorjetas incluídas nas contas dos hotéis e restaurantes não serão devolvidas. Nos restaurantes, a gorjeta varia de 10% a 20% da conta. A maioria não cobra pelo pão, mas sim pela água, sempre engarrafada. Também é comum dar gorjetas nos reservados (WC).

FOTOS: DIRK HUND



Antes da queda, grafites cobriam o Muro do lado ocidental



Hoje, as cicatrizes vão desaparecendo

da Alemanha Oriental. Hoje, após a reunificação, os 4 milhões de habitantes de Berlim têm acesso aos campos vizinhos, às cidades históricas e à agitada vida cultural e noturna que se desenvolveu no lado ocidental da cidade.

INFORMAÇÃO BÁSICA

Para entrar na Alemanha não é preciso visto. A moeda local é o marco alemão e sua cotação é publicada nos principais jornais brasileiros. Os preços indicados abaixo estão em marcos alemães.

QUANDO IR

Em Berlim as quatro estações do ano são bem demarcadas. A temperatura média no verão é de 17°C, mas pode alcançar os 30°C, e poucos hotéis têm ar refrigerado. Os invernos (novembro-fevereiro) podem ser muito frios, com

e há grandes congestionamentos. Para dirigir, é preciso carta de motorista internacional, seguro do veículo, ou um cartão internacional de seguros.

De trem: O extenso sistema de transporte ferroviário europeu facilita o acesso à maioria dos lugares, inclusive Frankfurt e Hamburgo. A principal estação do lado ocidental de Berlim é a Bahnhof Zoologischer Garten; no lado oriental é a Hauptbahnhof.

O QUE LEVAR

Como o clima é variável, leve guarda-chuva e roupa para todos os climas, como um casaco leve e um suéter grosso. Os trajes em Berlim vão dos esportivos aos mais sofisticados. Sapatos confortáveis são uma necessidade básica para quem pretende caminhar. Se planejar ir ao teatro ou à ópera, leve roupa de gala.

COMPRAS

As lojas fecham cedo em Berlim durante a semana. Aos sábados, ficam abertas até às 13h ou 14h e não abrem aos domingos. É interessante conhecer:

Kaufhaus des Westens (KaDeWe) – uma das maiores lojas de departamentos da Europa, especializada em comida das diferentes regiões da Alemanha.

Europa-Center – próximo da Igreja Memorial Kaiser Wilhelm, com restaurantes, pubs, cafés, cabarés, cinemas, cassinos e centenas de lojas.

TEXTO ADAPTADO E CONDENSADO DO ARTIGO DE PRIIT J. VESILIND, DA NATIONAL GEOGRAPHIC TRAVELER. TRADUÇÃO: ISA MARA LANDO

AS GRANDES VIAGENS

DA



NATIONAL
GEOGRAPHIC
SOCIETY

O ESTADO DE S. PAULO



Estadão.
Plugado no
mundo.



ISLÂNDIA

Uma visita à
Islândia: com
suas paisagens
nuas e amplas,
fontes de
águas quentes,
formações
vulcânicas e
um sol de
verão que
ilumina o
horizonte à
meia-noite

Selvagem, estra-
nha, admirável.
Em uma viagem
ao redor desta
ilha que é tudo,
menos comum,
um carro solitário
contorna um vale na
região sudeste, per-
correndo a Ring Road,
estrada perimetral que
circunda a Islândia.

Capa: Isolados
durante séculos, os
cavalos islandeses
hoje são conhecidos
no mundo todo por
sua força, mansidão
e marcha macia.

ISLÂNDIA





Isolada no meio do cenário deslumbrante, uma casa de fazenda (acima) serve de sentinela para o Eyjafjörður (fiorde Eyja), ao norte da Islândia. O entardecer se transforma em alvorada e a pequena cidade de Akureyri (abaixo), na mesma região, permanece iluminada em plena meia-noite de um mês de verão.



É a minha quarta viagem à Islândia – dessa vez para percorrer em nove dias os 1.770 quilômetros da rodovia Perimetral que circunda a ilha. Numa brilhante manhã de julho, com a temperatura ao redor de 16°C – os verões na Islândia são frescos e úmidos –, alugamos um jipe vermelho e deixamos para trás Reykjavik, a moderna capital. Decidimos seguir a rodovia no sentido horário. O primeiro trecho da estrada estava em boas condições, mas essa situação não durou muito. O sistema de transportes da Islândia

saltou direto dos cavalos para os aviões. Asfalto é coisa recente, e, antes da Perimetral ser aberta, em 1974, era impossível dar a volta na ilha de carro.

Na atmosfera sem poluição, as cores são intensas. À esquerda, o mar azul, com ondas de um branco brilhante que arrebatam sobre a costa de rochas negras. À direita, pastagens muito verdes, casas de telhados vermelhos e flores que se estendem até os picos brancos.

O cenário é somente uma parte da estranha fascinação da Islândia. Esta não é apenas uma terra de

Marda Groenlândia



contrastes, é de extremos. Tem verões mais frios, preços mais altos, formações de lava mais extensas, menos florestas, ruas mais seguras, taxa de analfabetismo menor, estradas piores, jogadores de xadrez melhores e mais vulcões do que qualquer outro país ocidental.

A Islândia assenta-se sobre a Cadeia Mesoatlântica, uma cordilheira vulcânica submarina, e fica próxima do Círculo Polar Ártico. O clima úmido de alta latitude gera rios glaciais. A Cadeia Mesoatlântica, onde a placa da crosta terrestre que sustenta a Europa se separa da placa que sustenta a América do Norte, fornece a pirotecnia geológica da ilha: vulcões, fontes de águas termais e gêiseres. Em Reykjavik, usa-se esse aquecimento natural em tudo, até nas piscinas.

Ao norte de Reykjavik, a Perimetral contorna o Hvalfjörður, o “fiorde das baleias”, e segue rumo ao norte. Nenhuma árvore bloqueia a visão – os vikings derrubaram quase todas para obter lenha no século X, após colonizarem a ilha, e os carneiros mantêm baixas todas as plantas novas. Em uma curva rumo ao mar, do outro lado da baía, nos deparamos com a Snæfellsjökull (montanha de neve).

De Skagafjörður (fiorde Skaga), a mais meridional das praias do Ártico, vamos para o interior. Montanhas cobertas de neve servem de pano de fundo para as fazendas do vale. Nos hospedamos em uma delas. O excelente sistema de hospedagem em fazendas é mais caro do que em hotéis, mas muito mais interessante.



No dia seguinte voltamos à estrada. Vamos para leste até Myvatn, um lago sereno patrulado por bandos de patos. O fundo do lago é um inferno. A região fica na fronteira vulcânica entre a Europa e a América do Norte, um dos locais de maior atividade geológica na Terra. Erupções ocorrem a cada dois séculos.

A noite trouxe uma frente fria. Era o fim do bom tempo. A Perimetral – agora em cascalho – cruza desertos de lava, indo para o leste da ilha. Como no norte, a costa oriental é pontilhada de fiordes, porém mais estreitos e íngremes. Penhascos escarpados elevam-se às alturas, com finas cascatas que despencam de mais de 300 metros – a paisagem é deslumbrante.

Seguindo para o sul, encontramos os famosos cavalos islandeses pastando nos campos. Florescente produto de exportação, eles não se misturam. Por lei, nenhuma outra raça pode ser importada. No extremo sul, a Perimetral passa entre o frio Atlântico Norte e as geleiras que saem da vasta Vatnajökull. Seguimos em frente, agora rumo oeste, e vemos a planície costeira estreitar-se até quase desaparecer.

Passamos nossa última manhã em Hveragerdi, a cidade das estufas, onde se cultivam verduras, frutas e, principalmente, flores. De Hveragerdi, a estrada contorna uma montanha. Avistamos uma mancha branca no horizonte – Reykjavik. Nossa viagem chegava ao fim.

Uma Cultura de Raízes Medievais

A Islândia foi um dos últimos lugares a ser ocupado pelo homem. Seus primeiros colonizadores foram noruegueses, que lá se estabeleceram no século IX. Atualmente, talvez para compensar o pequeno número de sua população, os islandeses costumam dar especial importância à preservação de sua língua, literatura e à sua maneira peculiar de dar nome às pessoas.

A tradição de amor aos livros – “Se um islandês não está lendo um livro, está escrevendo um”, dizem – começou com as sagas. Estes épicos semi-históricos, escritos em torno do século XIII, constituem a primeira literatura pós-latina de importância na Europa. As



Illuminura em uma saga medieval

sagas, em geral ambientadas nos três primeiros séculos da colonização, tratam de lendas épicas sobre feudos, assassi-
natos e vinganças.

Os islandeses, ao contrário dos noruegueses, sabem lê-las no original.

A língua islandesa é semelhante à linguagem usada pelos antigos vikings, mais próxima do inglês arcaico (incompreensível para os que falam o inglês do século XX) do que das modernas línguas escandinavas. Seu alfabeto é o único que ainda utiliza duas letras medievais, o *edh* (D, d) e o *thorn* (P, p).

Para proteger sua língua da contaminação de palavras estrangeiras, há uma comissão acadêmica que propõe – e os cidadãos adotam – a criação de palavras islandesas para novos conceitos tecnológicos. Assim, “telefone” tornou-se *sími* em islandês – um termo antigo para designar fio. Televisão é *sjónvarp*, algo como “lançador de imagens”.

Na Islândia ainda se usam patronímicos em vez de sobrenomes. Se Jón é o filho de Magnús, então seu nome será Jón Magnússon, e seu filho, Sveinn, será Sveinn Jónsson. Sua filha será Helga Jónsdóttir, nome que manterá mesmo depois de casada. Os islandeses têm o costume de se tratarem pelo primeiro nome, e é desse modo que constam da lista telefônica – um motivo de grande confusão para os estrangeiros.

Terra em formação: o vapor das nascentes térmicas ergue-se do solo em Myvatn, norte da Islândia. Myvatn fica em plena zona vulcânica, onde formações rochosas surgem continuamente, a cada movimento das placas tectônicas no fundo do Atlântico.

INFORMAÇÃO BÁSICA

Brasileiros não precisam de visto para entrar na Islândia, mas devem ter passagem de ida e volta. A permanência no país não pode passar de 90 dias. A moeda nacional é a coroa islandesa. O inglês é bastante falado em Reykjavik.

QUANDO IR

O verão islandês começa em meados de junho e acaba em meados de agosto. Muitas acomodações só abrem nestes meses, e podem lotar. É melhor fazer reservas com antecedência. Setembro tem menos opções de acomodação, mas o clima ainda é agradável e há menos turistas. Em julho, a temperatura média durante o dia é de 14°C, a luz do sol é quase contínua. No sul, chove e garoa com frequência; o norte tende a ser mais seco. No resto do ano, prevalecem as noites mais longas e um clima mais frio. A temperatura média em janeiro é de 1°C negativo de dia, embora o clima varie nas diferentes regiões da ilha. A capital, Reykjavik, oferece hospedagem e atrações o ano todo.

COMO CHEGAR

De avião: Pouso no Aeroporto Internacional de Keflavik, 50 quilômetros a sudoeste de Reykjavik. A companhia aérea nacional é a Icelandair.
De navio: A Iceland Steamship e outras empresas têm linhas para a Europa continental e Reino Unido.

O QUE LEVAR

No verão, os visitantes devem levar roupas leves de algodão e lã, capa e acessórios para chuva.

HOSPEDAGEM

As acomodações variam de hotéis de primeira classe, em Reykjavik, a casas de fazenda, no interior. As diárias nas fazendas são tão ou mais caras que as dos hotéis. Na capital dá para escolher entre hotéis internacionais e pensões; no interior, entre pequenos hotéis e pensões. No verão, algumas casas particulares alugam quartos com café da manhã. Fazendas oferecem de tudo, de quartos com café da manhã a chalés ou um pedaço de chão para o saco de dormir. Procure a placa IFH (Icelandic Farm Holidays) do lado de fora. Muitas têm cozinhas; outras oferecem refeições.

ACAMPAMENTO

Acampar é uma opção popular no verão. Há locais de camping em parques e fazendas. As barracas, devem resistir aos ventos fortes.

COMO CIRCULAR

A melhor maneira de viajar pela ilha é de carro. Você pode percorrer a Perimetral com um carro

comum, mas é preciso um jipe com tração nas quatro rodas para viajar pelo interior, onde as estradas não são asfaltadas. É melhor fazer reservas em uma locadora internacional. Os carros devem andar sempre com o farol aceso – os alugados, às vezes, têm um dispositivo que acende os faróis automaticamente quando o motor é ligado. Mantenha o tanque cheio, pois os postos são distantes entre si. No interior, pode ser preciso atravessar rios, subir trilhas íngremes e pedregosas. Quem não quiser dirigir pode viajar de ônibus ou voar pela Icelandair e companhias aéreas regionais, que servem a grandes e pequenas cidades.

O QUE FAZER

A principal atração da Islândia é a diversidade de paisagens. A relação abaixo segue a rodovia Perimetral em sentido horário, começando em Reykjavik. As atrações são grátis e estão abertas todos os dias, a menos que haja outra indicação.
Reykjavik: Metade dos 260 mil habitantes da Islândia vive na capital, centro cultural, político e comercial da ilha. No **Instituto Árni Magnússon** há exposições e cursos sobre manuscritos de sagas islandesas. Construções e artefatos antigos estão no **Museu ao Ar Livre de Arbaer**, que mostra a vida em Reykjavik ao longo dos séculos. O **Museu Nacional da Islândia** exhibe mostras sobre cultura, arte e história islandesas. No **Museu de História Natural**, mostras da geologia, flora e fauna locais.
Hvalfjörður (fiorde da baleia): Ao norte de Reykjavik, antigo centro pesqueiro. Por perto fica **Glymur**, maior cachoeira da ilha – 198 metros.
Termas de Snorri: Na cidade de Reykholt, um dos poucos sítios arqueológicos da Islândia. Nascente de águas quentes usada por Snorri Sturluson, primeiro historiador da ilha, no século XIII.

Snaefellsjökull: A noroeste de Reykjavik, é uma das geleiras mais conhecidas da Islândia.

Akureyri: Terceira maior cidade do país, situa-se no extremo sul de Eyjafjörður, um extenso e estreito fiorde que corta a costa norte. Atrações: a **Igreja de Akureyri**, em basalto, cujos vitrais representam a história do país; o **Jardim Botânico**, com suas 2 mil espécies de flores; o pequeno **Museu de História Natural**, com coleção de aves empalhadas; e o

Museu Matthias Jochumsson, onde morou um dos maiores escritores da Islândia.

Húsavík: A nordeste de Akureyri, centro comercial e pesqueiro com interessante museu regional. Promove excursões para observar colônias de papagaios-do-mar na ilha de **Lundey** e visitas a **Ásbyrgi**, um desfiladeiro em forma de ferradura.

Myvatn: A leste de Akureyri, tem algumas das paisagens mais bonitas da Islândia, como o lago **Myvatn**, formações vulcânicas, e os maiores desfiladeiros. No verão, bandos de patos migram para o lago. Nos arredores: **Krafla**, vulcão ativo que entrou em erupção pela última vez na década de 80; **Dimmuborgir**, conjunto

de colunas, arcos e cavernas vulcânicas de 2 mil anos de idade (a mais famosa é Kirkjufell, que lembra o interior de uma catedral gótica); **Námafjall**, um espinhaço crivado de fendas (a maior surgiu em 1975); **Hverfjall**, a cratera de um vulcão maciço de cujo topo se tem uma vista panorâmica de Myvatn; e **Dettifoss**, a maior catarata da Europa. **Reykjahlid**, a principal cidade da região, tem hotéis, áreas para acampamento e guias turísticos.

Vatnajökull: Na costa sudeste, esta enorme geleira é maior que todas as outras da Europa juntas. Tem fontes termais, formações vulcânicas e outras atividades geotérmicas. É prudente visitá-la sempre em grupo; excursões de *snowcat* ou *snowmobile* (motos e carros de neve) partem da cidade de Höfn. Nas redondezas encontra-se o muito fotografado **Jökulsárlón**, lago coalhado de *icebergs* que se desprendem do Vatnajökull. No verão, há cruzeiros de barco pelo lago.

Parque Nacional de Skaftafell: Na costa sudeste, este parque montanhoso cercado pela geleira Vatna é o mais popular da Islândia. As cataratas de **Svartifoss** caem sobre colunas geométricas de basalto. Trilhas partem do centro de informações do parque.

Reserva de Fjallabak: Nas montanhas ao sul, este santuário da natureza inclui **Landmannalaugar**, uma área espetacular de fontes termais e depósitos de lava. Perto ficam **Eldgjá** (garganta de fogo), uma fenda vulcânica de 40 quilômetros com paredes avermelhadas, e a cachoeira de **Ófærufoss**, que despenca sobre formações basálticas.

Gullfoss e Geysir: A leste de Reykjavik, Gullfoss (cachoeira dourada) é uma majestosa queda d'água de dois tombos, enquanto Geysir é uma fonte de águas termais que projeta periodicamente colunas de água e vapores (geiserses).

Parque Nacional de Pingvellir: A nordeste de Reykjavik, integra um parque nacional com interessantes sítios geológicos. É o local de nascimento da Constituição da Islândia – a mais antiga do mundo. Lá, em 930, o Alþingi, ou parlamento nacional, reuniu-se pela primeira vez num anfiteatro de rocha natural para formular leis e julgar disputas. Muitos fatos históricos da Islândia ocorreram no local, como a conversão da ilha ao cristianismo no ano 1000, ou a sua rendição à Noruega, no século XIII. **Pingvallakirkja**, igreja com um retábulo e um púlpito famosos, do século XVII; e a **Rocha da Lei**, o pódio dos oradores (construído de material vulcânico). As paisagens naturais incluem **Pingvallavatn**, o maior lago da Islândia, e enormes fendas vulcânicas provocadas pelo afastamento das placas tectônicas da América do Norte e da Europa.

Hveragerdi: Na costa sudoeste, localizada numa área de atividade geotérmica, a pequena cidade é famosa pelas estufas de onde sai grande parte da produção agrícola da Islândia. Os turistas podem visitar a **Estufa do Eden**.

Vestmannaeyjar (Ilhas Westman): Na costa sudoeste, estas ilhas vulcânicas incluem Surtsey, surgida em 1963.

TEXTO ADAPTADO E CONDENSADO DO ARTIGO DE JONATHAN B. TOURTELLOTT, DA NATIONAL GEOGRAPHIC TRAVELER. FOTOS: MEDFORD TAYLOR/NATIONAL GEOGRAPHIC IMAGE COLLECTION (CAPA, PÁGS. 2-3, 4 E 6-7); BOB KRIST (PÁG. 7, À DIREITA); JONATHAN B. TOURTELLOTT (PÁG. 8). TRADUÇÃO HELOISA PRIETO



AS GRANDES VIAGENS
DA



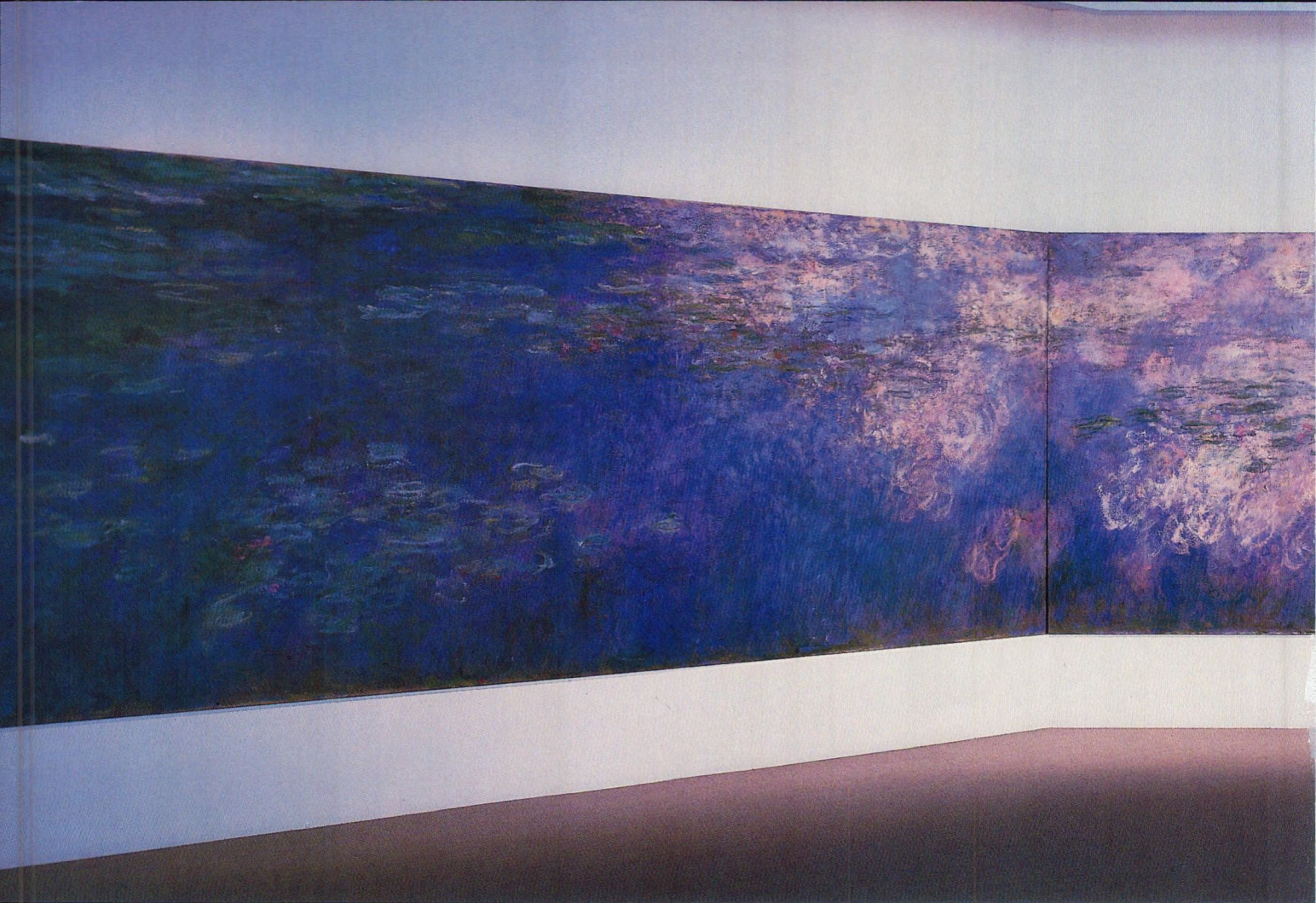
**NATIONAL
GEOGRAPHIC
SOCIETY**

O ESTADO DE S. PAULO



**Estadão.
Plugado no
mundo.**

MUSEUS DE NOVA YORK II



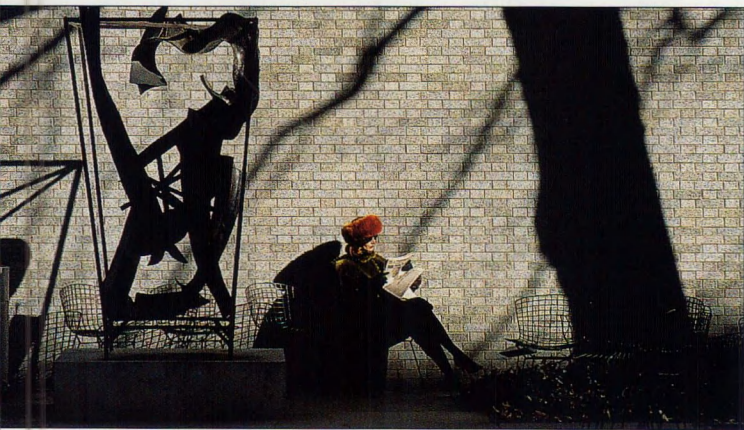
Capa: Manhattan vista da Brooklyn Bridge. No coração de Nova York estão alguns dos melhores museus do planeta

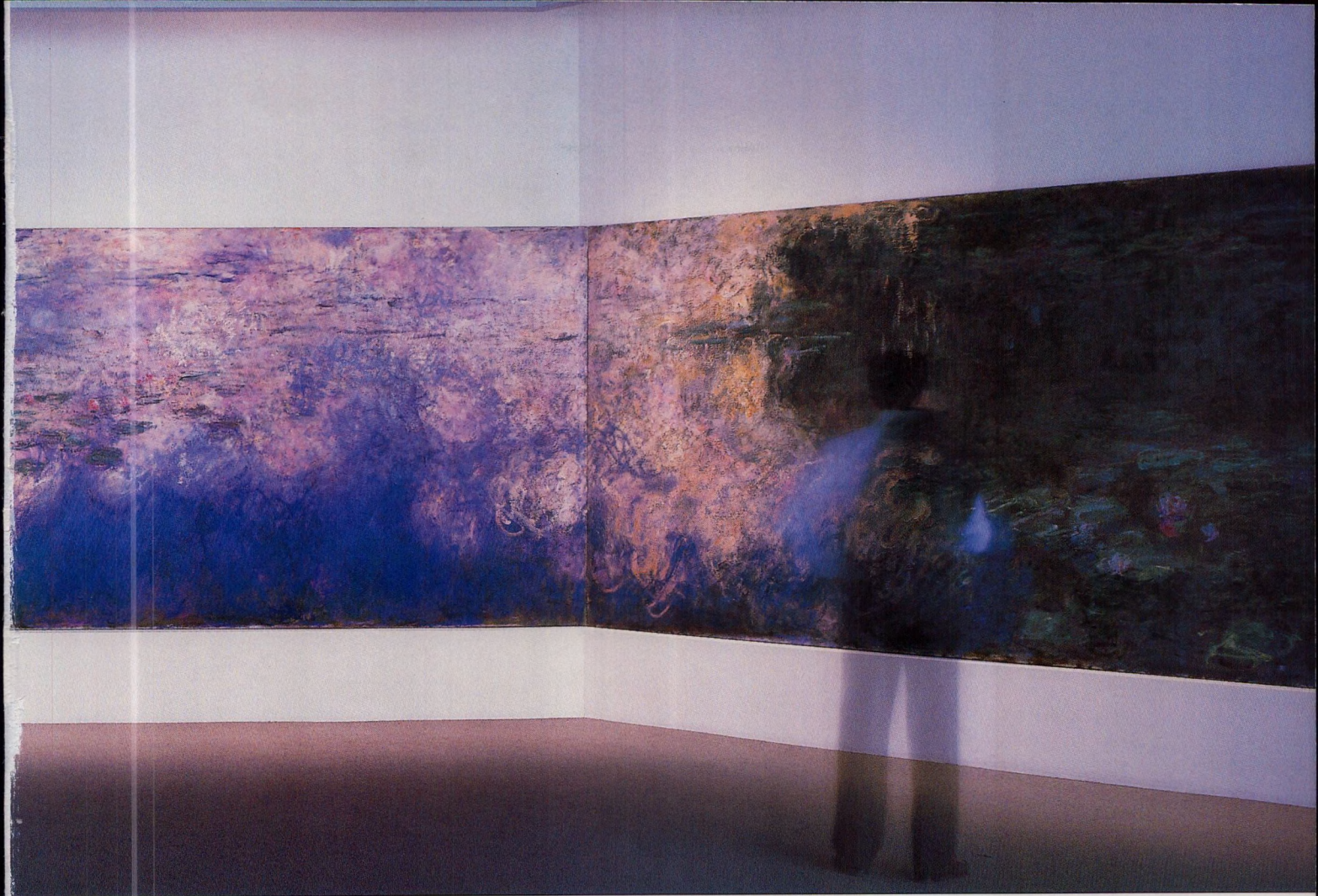
MUSEU DE ARTE MODERNA - M O M A

Escapo das ruas movimentadas e barulhentas de Nova York para este espaço caleidoscópico, o MoMA. Tomo o elevador para o segundo andar, sento-me diante da tela *Nenúfares*, de Monet, e deixo que a suavidade das cores, a paz e o silêncio desta gigantesca obra de arte tranquilizem meu espírito. Depois dessa pausa, estou pronto para

iniciar uma estimulante visita aos quatro andares do maior museu de arte e design do século XX do mundo. Desde a primeira exposição temporária numa galeria em 1929 (em plena quebra da Bolsa de Valores), o MoMA, amparado no entusiasmo e grande conhecimento de arte contemporânea de seu fundador e primeiro diretor, Alfred H. Barr Jr., progrediu e ganhou a importância que tem hoje. Amigo pessoal de Picasso, Matisse e dos artistas surrealistas, Barr frequentava a vanguarda e compartilhava o apreço de Walter Gropius e dos artistas e designers da Bauhaus (muito bem representados aqui) por uma nova estética de forma e função.

A modesta arquitetura externa do MoMA não faz justiça à agitação inovadora que caracteriza seu acervo de mais de 100 mil obras. As de Picasso, Rousseau, Monet, Matisse, Van Gogh, Miró, Klee e Mondrian são bem conhecidas do público. Outras, como as criações inovadoras de Rothko, Rauschenberg, Lichtenstein, Pollock, Reinhardt e Diebenkorn, ainda nos surpreendem e desafiam a abandonar os preconceitos e a perceber as coisas a partir de novos pontos de vista. Para quem ainda duvida dos





objetivos – ou mesmo do talento – dos artistas modernos, isso pode ser irritante. Mas a variedade de obras em outras áreas, como fotografia, arquitetura, desenho industrial, escultura, artes gráficas e até filmes e vídeos, proporcionam um escape para quem não gosta de quadros modernos.

Após prestar minha homenagem a Monet, geralmente visito outros favoritos: *Noite Estrelada*, de Van Gogh, *Persistência da Memória*, de Dalí, *O Mundo de Christina*, de Wyeth, o alegre *A Piscina*, de Matisse, *Broadway Boogie Woogie*, de Mondrian, gravuras de Munch e as imortais fotos em preto e branco de Stieglitz, no Centro de Fotografia Edward Steichen. Depois vou ao quarto andar, onde o carro de Pinin Farina, *Cisitalia "202" GT* (de 1946, até hoje um marco do desenho aerodinâmico), fica exposto nas Galerias Philip L. Goodwin, que exibem de vasos *art-nouveau* até móveis de plástico.



"Refúgio para repouso e meditação". A definição de Monet para sua obra *Nenúfares*, também descreve o ambiente do Museu de Arte Moderna. O Jardim de Esculturas (página ao lado) oferece tranquilidade. A obra *Smoker, 1 (Mouth, 12)*, de Tom Wesselmann, é uma das mais surpreendentes do MoMA.

Além das exposições temporárias, palestras, debates, concertos, cursos, filmes e apresentações de vídeo, o museu oferece três deliciosas surpresas. Uma é o Jardim de Esculturas Abby Aldrich Rockefeller – um pátio externo arborizado, com chafarizes, piscinas e obras de Rodin, Moore, Picasso e Matisse. A segunda atração é a livraria do museu. A terceira atração – melhor ainda – é a fascinante loja do MoMA, localizada do outro lado da rua, que

vende todo tipo de objetos de design.

O MoMA é uma mãe sábia e intrigante, que tanto nos alimenta artisticamente, quanto nos revela milhares de novas possibilidades. Como deve fazer toda boa mãe.



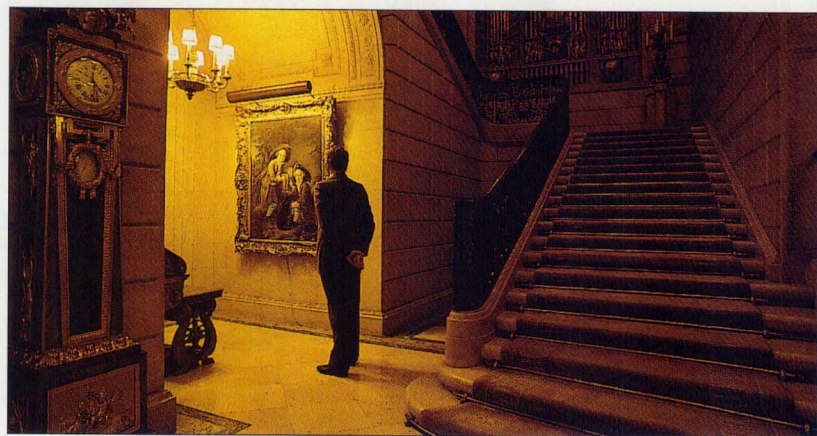
COLEÇÃO FRICK

Este museu é o refúgio ideal de uma tarde caótica em Manhattan. Ao cruzar as portas imponentes, talhadas em carvalho, deixamos para trás o barulho da 5ª Avenida e mergulhamos na calma e graciosa mansão estilo Luís XVI, erguida em 1914 por Henry Clay Frick. Gigante dos primeiros tempos do capitalismo, contemporâneo de

Morgan, Mellon e Carnegie, Frick unia o gosto pela competição selvagem na indústria siderúrgica, onde se tornou um magnata, à sofisticada sensibilidade estética.

As elegantes salas ao redor do ensolarado Jardim de Inverno contêm magníficas obras dos séculos XIV ao XIX, entre pinturas, esculturas, móveis, porcelanas e peças

Limoges. O gosto refinado beira ao excesso na Sala Fragonard, onde suntuosas telas em tons pastéis de Jean-Honoré Fragonard retratam *O Progresso do Amor*. Os painéis foram encomendados pela famosa condessa du Barry, uma das amantes de Luís XV, e, depois, considerados rebuscados demais para seu castelo neoclássico. Após uma curta estadia na casa londrina de J.P. Morgan, foram adquiridos por Frick em 1915 e instalados neste salão. O farfalhar dos tecidos e o arrulho de pombos são quase audíveis nesses quadros; e o brilho ardente no rosto dos jovens amantes certamente impressiona até os mais céticos.





Obras de mestres europeus – Ticiano; Vermeer; Velázquez; Van Dyck; Rembrandt; Ingres; El Greco; Holbein, o Jovem; Goya; Gainsborough; Reynolds e Constable – são pontos de destaque no Salão Sul, na Ante-Sala, na Galeria Oeste, na Sala de Estar e na Biblioteca. Só estes artistas já seriam suficientes para colocar esta galeria, relativamente

pequena, entre as melhores e mais completas da América do Norte. Mas o que mais me agrada nela são os sutis contrapontos e graciosos detalhes. No Jardim de Inverno, destaca-se a tela *Oceano*, de Whistler, uma pintura encantadora com sobretons de gravura japonesa; na Galeria Leste, pode-se apreciar um dos belos estudos de balé de Degas, *O Ensaio*; na Galeria Oeste, admira-se a intensidade da luz de Turner em *Porto de Dieppe*; no Salão Norte, exibem-se as variadas nuances de Monet em *Véttheuil no Inverno*; e na Sala de Estar, reina a delicadeza pulsante de *S. Francisco no Deserto*, de Bellini, cujas cores e espiritualidade reluzem hoje com a mesma intensidade que na época em que o painel foi criado, por volta de 1480.

Apesar da suntuosidade, a coleção Frick ainda dá a impressão de estar decorando um lar, onde muitos objetos queridos foram dispostos com respeito e amor. Ela confirma a ausência de fronteiras para a criação artística e faz isso dentro de um contexto muito humano.



MUSEU DE HISTÓRIA NATURAL

Não se pode visitá-lo às pressas. Instalado em um complexo de 111 mil metros quadrados e 23 prédios, é, na minha opinião, o melhor e mais amplo museu do gênero no mundo e merece exploração cuidadosa. Uma simples olhada em seus 36 milhões de artefatos (felizmente, nem todos expostos ao mesmo tempo) exige tempo e energia.



Passado o Arco Romano da entrada, em frente ao Central Park West, nos vemos frente a frente com o esqueleto de 15 metros de altura de um barosauro lutando com um alosauro, no enorme saguão de entrada. Adoro observar as expressões de susto e encanto das crianças ao verem a cena. Seus olhos brilham de animação - e os meus também -, empolgadas com as novas descobertas.

Quem vai ao museu pela primeira vez deve seguir o roteiro que passa pelos dioramas de mamíferos africanos e asiáticos e de pássaros do mundo, de aparência surpreendentemente real, além de percorrer a animada mostra antropológica dos povos da Ásia, África e América Latina. Na exposição mesoamericana, os efeitos sonoros e a estonteante justaposição de máscaras e ornamentos de ouro, e a Pedra do Sol, de 20 toneladas, conduzem a um mergulho nas culturas olmeca, maia, tolteca e asteca.

As exposições, antes previsíveis e mal iluminadas, foram substituídas por sequências dinâmicas e hipnóticas de informações e imagens. A fila de elefantes no Salão dos Mamíferos Africanos parece caminhar direto para cima do público. A canoa indígena Haida, de 19 metros, esculpida



em um único tronco de cedro e ocupada por réplicas de indígenas em tamanho natural, parece um torpedão passando pelo saguão da rua 77.

Uma réplica de 30 metros de uma imensa baleia azul flutua no Salão da Vida Oceânica. Reproduções minuciosas de seres humanos primitivos são exibidas no Salão de Biologia e Evolução Humana. Crianças e jovens se divertem no Salão das Descobertas, onde aprendem ciências manuseando "as caixas de descobertas" e peças em exibição.

É comum sentir um frio na espinha diante das assustadoras máscaras da Coleção Margaret Mead, no Salão dos Povos do Pacífico, ou na frente de um diorama com dragões de três metros de comprimento, no Salão dos Répteis e Anfíbios. Os visitantes se maravilham com as exposições de minérios e pedras preciosas - verdadeira



Dinossauros lutam no saguão do Museu de História Natural, ao lado de visitantes que descansam tranquilamente. Em outras salas, urso (em diorama) e público se encaram e uma mãe amarra o sapato da filha sob o olhar de um elefante.

caverna de Aladin - onde se pode apreciar a safira *Estrela da Índia*, de 563 quilates, a esmeralda *Patricia*, de 632 quilates, e outras raridades.

Também há espetáculos: filmes como *Antártica* e *Florestas Tropicais*, exibidos na sala Naturemax, que tem a fabulosa

altura de quatro andares, onde os visitantes sentem-se participando da cena; exposições multiculturais, no People Center; mostras sobre o Universo, no Planetário Hayden, além de palestras, aulas e passeios. E tem mais: dinossauros de todas as espécies no quarto andar e uma exposição sobre as grandes questões ecológicas do planeta. Tudo absolutamente fascinante!

MUSEUS DE NOVA YORK

V I A J E B E M

INFORMAÇÕES BÁSICAS

A maioria dos museus abre da manhã (meio-dia nos domingos) até as 17h ou 18h; e quase todos fecham às segundas-feiras. As exceções são mencionadas abaixo. Adultos em geral pagam entrada. Há descontos para idosos e estudantes. Crianças muitas vezes não pagam.

OS SEIS GRANDES

Metropolitan Museum of Art (1)
1000 Fifth Avenue e E 82nd St.; 535-7710; às sextas e sábados, aberto até 20h45. &

Solomon R. Guggenheim Museum (2)
1071 Fifth Avenue e E 88th St.; 423-3500; aberto até 20h; fechado nas terças-feira. &

Pierpont Morgan Library (3)
29 E 36th St. e Madison Ave.; 685-0610. &

Museum of Modern Art (MoMA) (4)
11 W 53rd St.; 708-9480; nas terças, aberto até 21h; fechado nas quartas-feiras. &

Frick Collection (5)
1 E 70 St.; 288-0700; proibida a entrada de crianças menores de 10 anos. &

American Museum of Natural History (6)
Central Park West e W 79th St.; 769-5100; aberto diariamente, sextas e sábados até 20h45. &

OS OUTROS MELHORES

Entre os inúmeros outros museus de Nova York, alguns dos mais notáveis são:

Museu de Artesanato Americano (15)
Exposições temporárias de criativas peças de artesanato em cerâmica, fibra, vidro, metal e madeira. Em frente ao MoMA, na 40 W 53rd St.; 956-3535; às terças, abre até 20h. &

Museu da Criança de Manhattan (16)
São cinco andares de mostras interativas, jogos, salas para ouvir histórias, estúdios de arte, uma "casa de árvore" e até um estúdio de TV completo. É um lugar para dançar, escalar, pular, dar cambalhotas, cheio de cores vibrantes e risadas infantis. 212 W 83rd St.; 721-1234; fechado às terças; abre às 13h30 nas segundas, quartas e quintas. &

The Cloisters (17)
Reduto da arte medieval européia, está instalado em um monastério da época reconstituído. Ao som de músicas medievais, é possível apreciar ricas exibições de trabalhos em metal e vidro, manuscritos, esculturas, pinturas, oratórios e outras peças dos séculos X a XVI. Não deixe de ver as famosas tapeçarias do Unicórnio. Fort Tryon Park (Fort



Os museus e atrações indicados no mapa do número 7 a 14 foram apresentados na edição anterior

Washington Ave., acima da W 190th St.); 923-3700. &

Forbes Magazine Galleries (18)
Neste intrigante labirinto, percebe-se a alegria quase infantil de Malcolm Forbes, o notável empreendedor do século XX (e de seu filho), em colecionar objetos curiosos e de grande beleza: barquinhos de brinquedo, soldadinhos de chumbo, pinturas e a famosa coleção de ovos Fabergé. 62 Fifth Avenue e W 12th St.; 206-5548; abre às terças, quartas, sextas e sábados até 16h; entrada franca.

Intrepid Sea-Air Space Museum (19)
Instalado num porta-aviões da Força Aérea americana, o *Intrepid*. No convés, há jatos (atenção para o Lockheed A-12 Blackbird, de aparência letal, especialmente concebido para missões da CIA), helicópteros, um centro de combate, hangares com modelos das primeiras aeronaves, equipamentos de guerra, filmes, satélites e naves espaciais, a cabine de um avião comercial e batisferas submarinas. Um simulador reproduz passeios em caças, trenós, montanha russa e carros de corrida. Pode-se explorar também o submarino *Growler*, o destróier *Edson* e o navio-sinalizador *Nantucket*. W 46th St. e 12th Ave.; 245-0072; aberto diariamente no verão; fora da estação fecha às segundas e terças. &

Museu Nacional do Índio Americano (20)
Original e rico em objetos, contém uma das maiores coleções de artefatos indígenas norte-americanos do mundo. Audubon Terrace, 3753 Broadway at W. 155th St.; 283-2420.

Museum of Television & Radio (21)
Neste elegante e moderno museu, os aficionados podem fazer suas escolhas numa seleção de 50 mil títulos de comerciais e programas de televisão, e mergulhar em audições particulares de áudio e vídeo. Há também quatro salas de projeção, com programas especiais e festivais de vídeo. 25 W 52nd St.; 621-6800; aberto das 12h às 18h (até mais tarde nas terças e sextas). &

Whitney Museum of American Art (22)
Principal acervo de arte americana contemporânea, com grande variedade de exposições temporárias, além de vídeos, filmes e programas educativos. Apesar de sua fachada mais rude que a dos refinados prédios da Madison Avenue, as galerias internas são claras e leves, o cenário ideal para a coleção permanente de artistas como Calder, O'Keeffe, Rauschenberg, Nevelson, de Kooning, Pollock e Johns. 945 Madison Ave. e E 75th St.; 570-3600; fechado segundas e terças; às quintas, abre das 13h às 20h. &

Capa: Robert W. Madden/National Geographic Image Collection

TEXTO ADAPTADO E CONDENSADO DO ARTIGO DE DAVID YEADON, DA NATIONAL GEOGRAPHIC TRAVELER. FOTOGRAFIAS DE JOE McNALLY. TRADUÇÃO HELOISA PRIETO

AS GRANDES VIAGENS

DA



**NATIONAL
GEOGRAPHIC
SOCIETY**

O ESTADO DE S. PAULO



**Estadão.
Plugado no
mundo.**

**MUSEUS DE
NOVA YORK I**



Esta e a próxima edição de *As Grandes Viagens da National Geographic Society* trazem o que há de melhor entre os museus de Nova York

Capa: Conhecida no mundo inteiro, a Estátua da Liberdade é um dos símbolos de Nova York

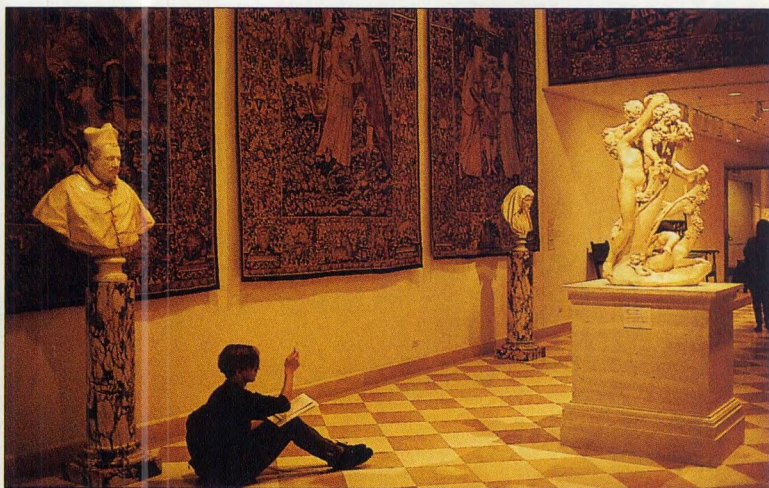
METROPOLITAN MUSEUM OF ART - MET

Qualquer superlativo ainda é pouco para descrever as maravilhas do "Met" - na minha opinião, o melhor museu do mundo. Visitar Nova York sem explorar seus amplos salões e galerias é como passear em Veneza sem ir à praça de São Marcos. Portanto, faça dessa visita uma prioridade no seu itinerário e reserve bastante tempo para ela.

O grande desafio é decidir o que ver - são mais de dois milhões de peças e artefatos em 130 mil metros quadrados de salões, alas e anexos. Tantos arquitetos contribuíram para o planejamento e construção do conjunto atual que a lista de créditos é um verdadeiro *Who's Who* do setor. O mesmo acontece com os patrocinadores - os Morgan, Rockefeller, Altman, Wrightsman, Lehman, Sackler -, famílias milionárias que ajudaram a criar este museu sem paralelos.

Depois de subir a imponente escadaria que leva da 5ª Avenida ao saguão principal do museu, surge a grande questão: por onde começar? Só o acervo regular permanente vai do sexto milênio a.C., passando pela Renascença, até chegar aos séculos XIX e XX e às obras-primas ocidentais do impressionismo e expressionismo abstrato. Mas há também as coleções especiais: 60 mil peças abrangendo esculturas européias e artes decorativas; os impressionantes entalhes rituais da Oceania, na ala de Michael C.





Rockefeller; mais de 4 mil instrumentos musicais de todo o mundo; as fascinantes exposições de roupas no *Costume Institute*; salas decoradas com móveis de época que levam o visitante a diversos períodos da história. O melhor é conferir as exposições em cada andar e procurar o serviço de guias, no balcão de atendimento ao público.

Do Nilo para Manhattan. Os Estados Unidos ganharam um presente maravilhoso em 1967: o Templo de Dendur, do século XV a.C. (acima), exibido na Ala Sackler do "Met". Perto de lá, um estudante faz o esboço de uma escultura de Bernini e um visitante descansa no jardim da Ala Americana (página anterior).

Como nova-iorquino e assíduo frequentador do "Met", tenho minhas preferências. Se consigo chegar cedo e evitar a multidão, vou direto ao Templo de Dendur, instalado em um amplo espaço com iluminação natural, onde também há um portal egípcio do século I a.C. Em seguida, passo pelo setor de arte asiática, no segundo andar, para aproveitar a tranquilidade do jardim chinês da era Ming lá reconstituído. A arquitetura e os móveis simples mesclam-se com o jardim de pedras cuidadosamente dispostas, reafirmando a idéia de que quanto menos, melhor.

Dessa máxima discordavam os cavaleiros da Europa medieval, a julgar pelas imensas armaduras dos homens e dos cavalos no Pátio Equestre, no primeiro andar. Aproveite para apreciar a etérea elegância do jardim interno na Ala Americana, lá perto, e as obras de antigos mestres da pintura exibidas em salas que são réplicas da mansão extravagante de seus doadores, a família Lehman – mais um recanto atraente nesta imensa arca de tesouros.

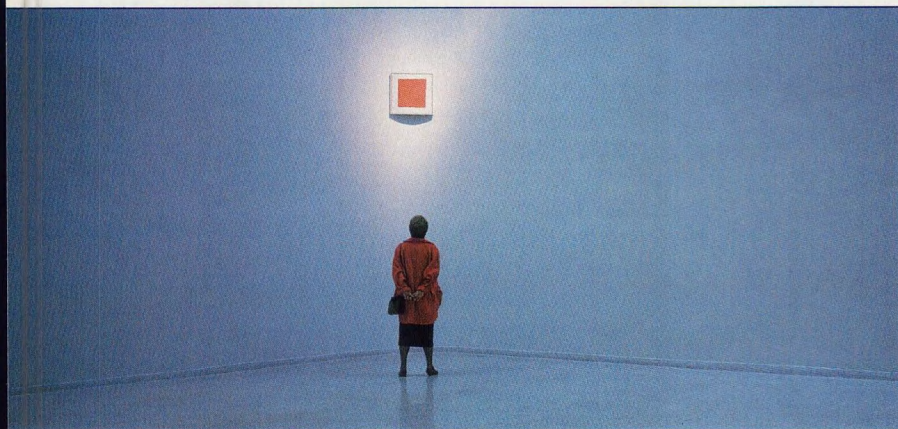


MUSEU SOLOMON R. GUGGENHEIM

O mestre da arquitetura Frank Lloyd Wright nunca foi um homem de idéias estreitas ou ambíguas. Em 1943, convidado a projetar um novo museu em Nova York para abrigar a enorme coleção de arte moderna de Solomon R. Guggenheim – “um templo dentro do espírito da pintura não-objetiva” –, deixou de lado o estilo pomposo da maio-

ria dos museus da época. Concebeu um espaço simples, em espiral, com pé-direito altíssimo, encimado por uma imensa cúpula de vidro – “gloriosamente iluminado pela luz que vem do alto”, como ele mesmo escreveu. Os moradores da 5ª Avenida sentiram-se ultrajados pela audácia desse conceito arquitetônico que desprezava a opulência dos prédios de apartamento da elite nova-iorquina. Wright foi em frente e criou uma impressionante celebração ao espírito de Nova York. Infelizmente, morreu antes da inauguração do museu, em 1959, sem ver a obra pronta, nem seus anexos posteriores, entre eles, a torre de galerias, com dez andares.

A restauração do museu, em 1990-92, permitiu finalmente que os visitantes iniciem a visita pelo topo da espiral (até então, um inconcebível depósito) e lentamente desçam a grande rampa, desviando-se à vontade para apreciar as quatro galerias da nova torre. Alguns críticos afirmam que a rampa é





muito estreita e restringe o espaço para que as pessoas possam se afastar para ter uma visão mais ampla das notáveis obras contemporâneas em exposição, como os trabalhos de Kooning, Rothko e Serra. Outros, dizem que a grandiosidade do projeto de Wright abafa as obras maiores lá expostas. Mas esqueça os críticos. Simplesmente desfrute deste lugar de luz e leveza especiais.

A galeria principal abriga as exposições temporárias de arte contemporânea e moderna. Já as galerias Thannhauser, na pequena rotunda anexa, exibem originais famosos dos grandes pintores impressionistas, pós-impressionistas e cubistas, como Monet, Degas, Cézanne, Van Gogh, Gauguin, Toulouse-Lautrec e Picasso.

Para mim é sempre mágico rever os meus favoritos: os móveis delicados de Calder, a ativez das figuras delgadas de Giacometti, o vigor da série de Arles, de Van Gogh, e o imortal *Mulher Passando Roupa*, de Picasso.



Na rampa do Guggenheim, um jovem visitante aprecia a revolucionária arquitetura em espiral de Frank Lloyd Wright. Na rotunda principal (à esquerda), a luz jorra pela cúpula de vidro; uma mulher (página ao lado) examina uma obra de vanguarda russa.

Existe algo no Guggenheim que parece liberar o sentimento das pessoas. Em minha última visita, passei por uma senhora chorando diante de um romântico Renoir. Duas mulheres estavam revoltadas diante da estranha instalação *AMERICA Invention*, de Lothar Baumgarten – basicamente nomes de culturas nativas americanas pintados nas paredes da rampa em espiral (“O que significa isso?”, perguntavam). E um intelectual de cabelos longos explicava à companheira “a arte

como expressão das dicotomias verbais redundantes”.

E a coleção continua a crescer – tanto que, em 1992, foi inaugurada uma filial, o Museu Guggenheim SoHo, na Broadway e Prince Street. Vale a pena conferir.



BIBLIOTECA MORGAN PIERPONT

À primeira vista, a Biblioteca Morgan Pierpont, construída em 1906 no estilo de um palácio renascentista, parece um lugar austero e distante. Seu dono original, J. P. Morgan, não se interessava por modismos passageiros e encomendou uma estrutura que fosse eterna em seu desenho e refletisse a maior habilidade e sofisticação que sua enorme fortuna de financista pudesse pagar. Os grandes blocos de mármore branco da biblioteca foram dispostos a seco, sem argamassa, como na Grécia antiga, e mantidos no lugar por seu peso e ajuste perfeito. Tanto este prédio, quanto o elegante anexo construído em 1928 no lugar onde era a casa de Morgan, são projetos admiráveis. O átrio instalado mais tarde entre os dois, embora nitidamente moderno, propicia um recanto agradavelmente sereno.

É surpreendente saber que poucos moradores de Nova York visitam este rico acervo de literatura e arte. Embora as obras da biblioteca só possam ser usadas por acadêmicos credenciados, as galerias públicas e áreas de exposição contêm um tesouro que, por ocasião da morte de Morgan, em 1913, era considerado a mais sofisticada

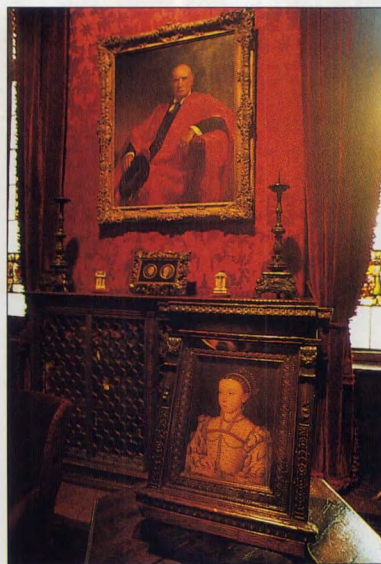




coleção particular do país – e isso em uma época em que colecionar arte era o passatempo favorito dos milionários.

Salas ricamente decoradas com murais e outras obras no estilo renascentista abrigam manuscritos com iluminuras do século V ao século XVI. Entre eles, o belíssimo Livro de Rezas de Catarina de Cleves; manuscritos autografados de Byron, Keats e Milton; esboços de Rembrandt; e famosas pinturas de Memling e Perugino. Dê uma volta pelo Salão Leste, coberto de estantes do chão ao teto, e admire o conhecimento armazenado em centenas de volumes. Há uma parede inteira de bíblias, inclusive uma das três bíblias de Gutenberg, sempre em exibição. Trata-se de uma coleção inestimável.

No escritório de teto alto e decoração em vermelho – o Salão Oeste –, pode-se ver a escrivaninha de Morgan, em madeira entalhada. A presença do financista é quase palpável e a aura de seu poder ilimitado domina a sala. Um



Murais, entalhes em madeira e estantes triplas predominam na Biblioteca Morgan Pierpont. Os murais restaurados do Salão Leste (acima) emolduram a coleção de livros raros e manuscritos com iluminuras (página ao lado); pinturas renascentistas e retratos de família decoram o escritório de Morgan (à esquerda).

dos guardas me explicou porque gostava de trabalhar ali: “Neste lugar eu me sinto muito mais importante”.

Nos fundos do prédio, o átrio claro e arejado oferece uma pausa em toda essa grandiosidade. Através dele, chega-se à livraria e ao centro educacional, localizados na ala da casa que foi do filho do financista.

Embora a coleção permanente de Morgan seja a atração principal, sempre há exposições temporárias que re-

velam outras facetas de seu amor por livros, arte e cultura. Como esse homem deve ter se divertido! (Apesar de seu semblante mal-humorado nos retratos sugerir o oposto). Nós, nova-iorquinos, tivemos muita sorte.

MUSEUS DE NOVA YORK

V I A J E B E M

INFORMAÇÕES BÁSICAS

A maioria dos museus abre da manhã (meio-dia nos domingos) até as 17h ou 18h; e quase todos fecham às segundas-feiras. As exceções são mencionadas abaixo. Em geral, adultos pagam entrada. Há descontos para idosos e estudantes. Crianças muitas vezes não pagam.

OS SEIS GRANDES

Metropolitan Museum of Art ①

1000 Fifth Avenue e E 82nd St.; 535-7710; às sextas e sábados, aberto até 20h45. &

Solomon R. Guggenheim Museum ②

1071 Fifth Avenue e E 88th St.; 423-3500; aberto até 20h; fechado nas terças-feiras. &

Pierpont Morgan Library ③

29 E 36th St. e Madison Ave.; 685-0610. &

Museum of Modern Art (MoMA) ④

11 W 53rd St.; 708-9480; nas terças, aberto até 21h; fechado nas quartas-feiras. &

Frick Collection ⑤

1 E 70 St.; 288-0700; proibida a entrada de crianças menores de 10 anos. &

American Museum of Natural History ⑥

Central Park West e W 79th St.; 769-5100; aberto diariamente, sextas e sábados até 20h45. &

OUTRAS ATRAÇÕES

A mais deslumbrante coleção de museus encontra-se na 5ª Avenida, entre as ruas 82 e 104. São coleções de preciosidades. Destacam-se:

Cooper-Hewitt National Museum of Design ⑦

Notável acervo de artes decorativas e design fica na suntuosa mansão neo-georgiana de Andrew Carnegie, construída em 1902. Contém uma coleção permanente que cobre 3 mil anos, e promove algumas das melhores exposições temporárias da cidade. 2 E 91st St.; 860-6868; às terças, fica aberto até 21h. &

International Center of Photography (ICP) ⑧

Nesta mansão neo-georgiana construída em 1915 dá para sentir a arte e o poder da fotografia. Da pequena galeria que sai do saguão de piso de mármore, na ampla livreria, e nos dois andares de exposições, o ICP é um desfile ininterrupto de imagens de Capa, Cartier-Bresson, Atget, Arbus, Stieglitz e muitos fotógrafos contemporâneos. 1130 Fifth Avenue e E 94th St.; 860-1777; às terças, fica aberto até 20h.

Jewish Museum (Museu Judaico) ⑨

Este museu ocupa uma mansão de 1908, de estilo semelhante ao de um *château* gótico - reminiscência da 5ª Avenida residencial do iní-

cio do século XX. Os dois primeiros andares apresentam exposições temporárias. Nos dois andares superiores, há uma exibição do acervo, que chega a 27 mil peças e retrata 4 mil anos de cultura judaica. 1109 Fifth Avenue e E 92nd St.; 423-3230; abre às 11h e, às terças, até 20h; fecha às sextas e sábados. &

Museum of The City of New York ⑩ (Museu da Cidade de Nova York)

Numa bela mansão estilo colonial de 1929, expõe três séculos de história da cidade de Nova York. Nas salas de época, há demonstrações de antigos equipamentos contra incêndio (um grande problema no passado), as pratarias Tiffany, dioramas da velha Nova York, exposições especiais, ótima livreria, galeria de brinquedos e até uma reconstituição do quarto de John D. Rockefeller. Fifth Avenue e E 103rd St.; 534-1672; fecha às segundas e terças. &

National Academy of Design ⑪

Instituição pouco conhecida, é dirigida pelos próprios artistas. Instalada em uma casa no estilo *beaux-arts*, faz exposições temporárias das obras de seus membros e mostra da coleção permanente, de arte norte-americana. 1083 Fifth Avenue; 369-4880; abre das 12h até 17h, de quarta a sábado, na sexta, até 20h. &

REGIÃO DO PORTO

Mais do que simples museus, essas atrações tornaram-se ícones de Nova York e do país:

Museu da Imigração Ellis Island ⑫

Em objetos e filmes, a herança dos imigrantes transformou este museu em uma instituição dos Estados Unidos. Ilha Ellis, na baía de Nova York; 363-3200; aberto diariamente das 9h às 17h; entrada franca; a balsa sai de Battery Park. &

South Street Seaport Museum ⑬

Caleidoscópica celebração do poderio marítimo dos Estados Unidos. Tem veleiros restaurados, lojas, pubs, restaurantes, concertos ao ar livre e um mercado de peixe. 12 Fulton St. e South St.; 669-9424; aberto diariamente. &

Estátua da Liberdade ⑭

Totalmente restaurada, é reconhecida no mundo inteiro como um símbolo de liberdade. Tem duas pequenas galerias de exposições - uma sobre a história da estátua e a outra sobre a história da imigração. Ilha Liberty, na baía de Nova York; mesmo telefone, horário e balsa que para a ilha Ellis. &

Capa: William Albert Allard/National Geographic Image Collection

TEXTO ADAPTADO E CONDENSADO DO ARTIGO DE DAVID YEADON, DA NATIONAL GEOGRAPHIC TRAVELER. FOTOGRAFIAS DE JOE McNALLY. TRADUÇÃO HELOISA PRIETO



Os museus e atrações indicados no mapa do número 15 a 22 serão apresentados na próxima edição

AS GRANDES VIAGENS

DA



**NATIONAL
GEOGRAPHIC
SOCIETY**

O ESTADO DE S. PAULO



**Estadão.
Plugado no
mundo.**

ILHAS DAS CONCHAS

As Ilhas das

Há dois dias um vento noroeste sopra forte trazendo o frio de janeiro para a costa, agitando o mar e encrescando as ondas. Mas, debaixo das cristas de espuma branca, indiferentes ao movimento da superfície, as correntes continuam agindo sem se perturbar. Ricas em nutrientes, elas banham os baixios cheios de pelecípodes - moluscos cuja concha é dividida em duas partes, como mexilhões, mariscos e vieiras - e os caramujos que se alimentam deles. A água a dez ou 12 metros de profundidade é tranquila, mas, nas áreas mais rasas, as ondas agitam o fundo. Os restos das conchas de moluscos mortos dançam em incansável vaivém, e acabam sendo apanhados pelas ondas baixas que batem na praia. Ali, no ar frio e tempestuoso, se depositam dezenas, centenas ou milhares de conchas marinhas.

Maré baixa, meia hora antes do sol nascer, é a hora ideal para se catar conchas. Quando saímos do hotel em frente à praia, outras pessoas já estão lá, percorrendo a areia fria onde o vento sopra forte. Sozinhas ou em pares, a maioria leva lanternas. Na ilha Sanibel, a concha ajuda quem cedo madruga.

A maré alta deixara uma faixa abarrotada de conchas, confirmando a reputação de Sanibel - ao menos até pouco tempo atrás - de exibir a melhor seleção de conchas do hemisfério ocidental. De passagem, íamos pisando em grandes quantidades de pelecípodes: conchas de berbigão, mariscos e mexi-

Capa: Conchas de vários tipos são os tesouros que dão fama a quatro tranquilas ilhas junto à costa da Flórida - Sanibel, Captiva, Captiva do Norte e Cayo Costa.



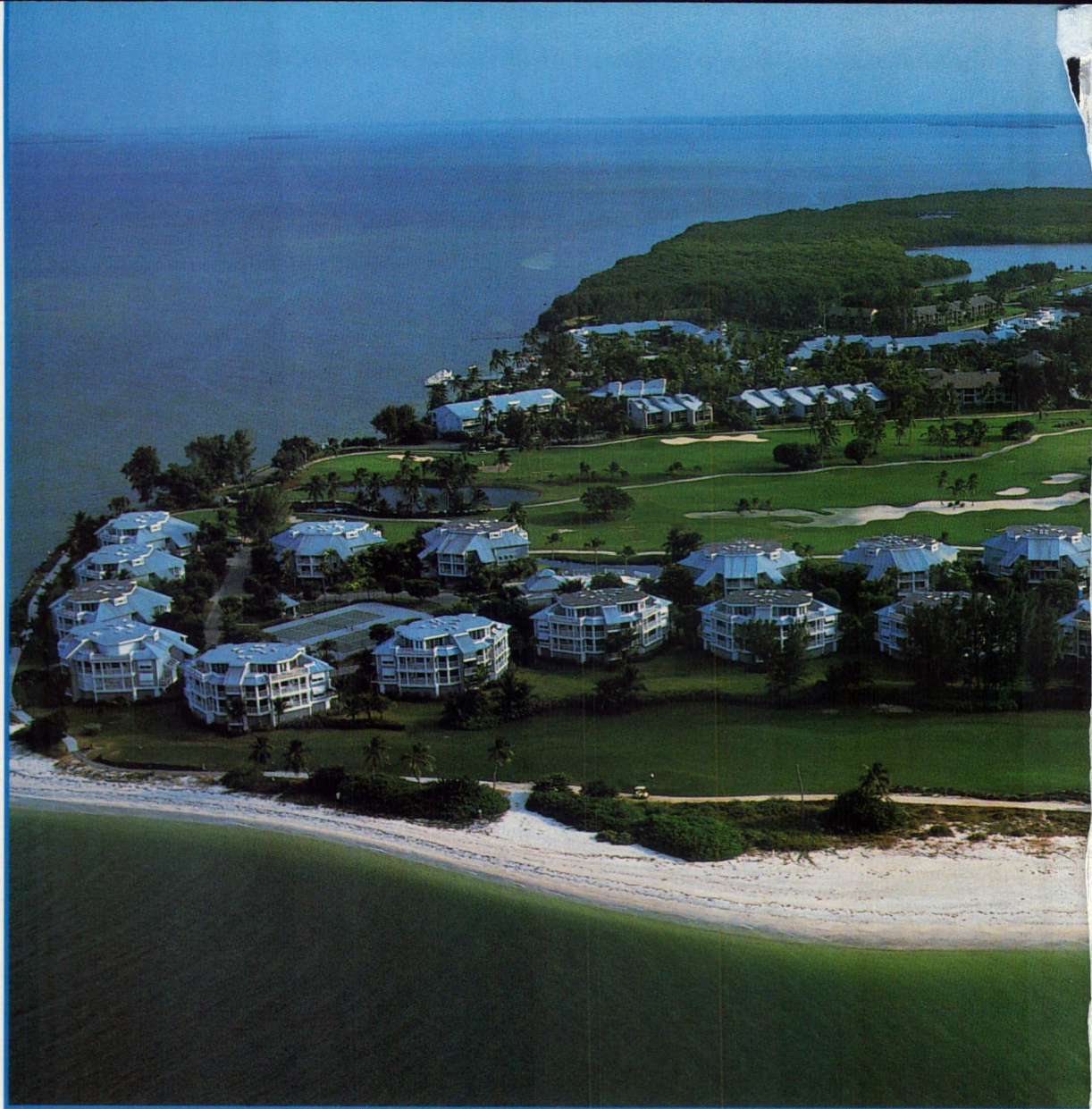
Colecionador recolhe conchas na chamada

Conchas



"postura curva de Sanibel", ilha na costa da Flórida

Hotéis e condomínios se espalham pelo norte da ilha de Captiva. Ao sul, na linha do horizonte, vê-se Sanibel, a mais populosa destas ilhas. Para conter o impacto do excesso de atividade turística, os moradores de Sanibel aprovaram códigos ambientais restritivos para construções e coleta de conchas.



Lhões, conchas-arca, conchas em formato de cunha e pequeninas conchas-sino, translúcidas, em tons pastéis. As pessoas que levavam lanternas procuravam tesouros mais raros: as conchas de gastrópodes – moluscos que carregam uma concha única nas costas, em geral espiralada, como múrices e tulipas – e as conchas-cavalo ou, ainda, uma cobiçada “junonia”, concha marrom com manchas brancas, cheia de ranhuras, tão incomum que o jornal local publica a foto do felizardo que encontrar uma.

O nascer do sol trouxe mais catadores de conchas, todos na célebre “postura curvada de Sanibel”. Bandos de maçaricos também corriam para lá e para cá bicando a areia, à procura de caranguejos e outros moluscos para comer. Pela praia inteira

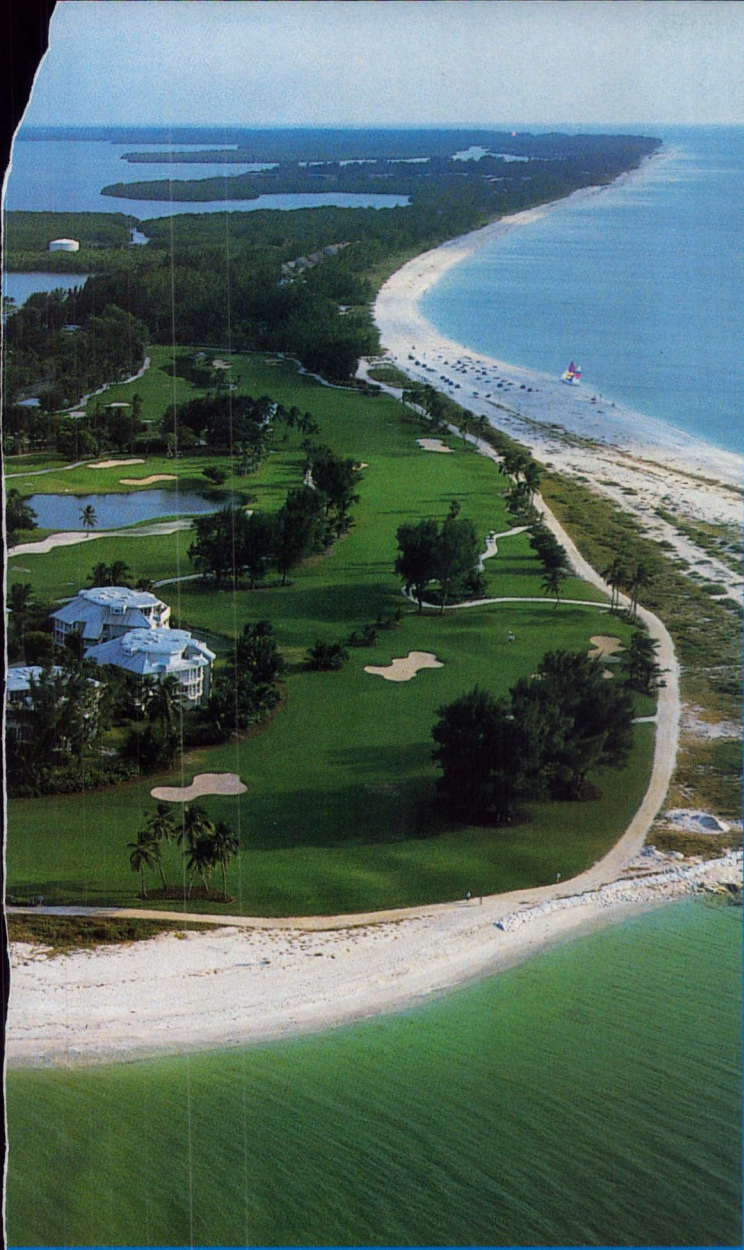
viam-se grupos de pessoas e pássaros, em posição bem parecida, cada um entretido em sua busca.

Lembrei-me de quando tinha dez anos e meus pais, que conheciam meu fanatismo por conchas de toda espécie, me levaram para uns dias em Sanibel. Daquela viagem ficou a lembrança forte das conchas – e, mais vagamente, a recordação de uma ilha plana, cheia de vegetação, e de uma travessia de balsa. Desta vez, nada de balsa. Cheguei a Sanibel passando por uma ponte de cinco quilômetros que vem da Flórida, do continente. E esta estrada fez uma enorme diferença na vida local.

“Minha vontade é que passasse por Sanibel um horrível furacão – mesmo que eu fosse com ele. Assim, tudo poderia começar de



Florida Fighting Conch



novo, só que com as leis de proteção ambiental que temos agora”, diz Alice Anders, uma senhora de 72 anos que adotou a ilha (como tantos outros aqui), tornou-se naturalista autodidata (como tantos outros) e militante ambientalista (como tantos outros).

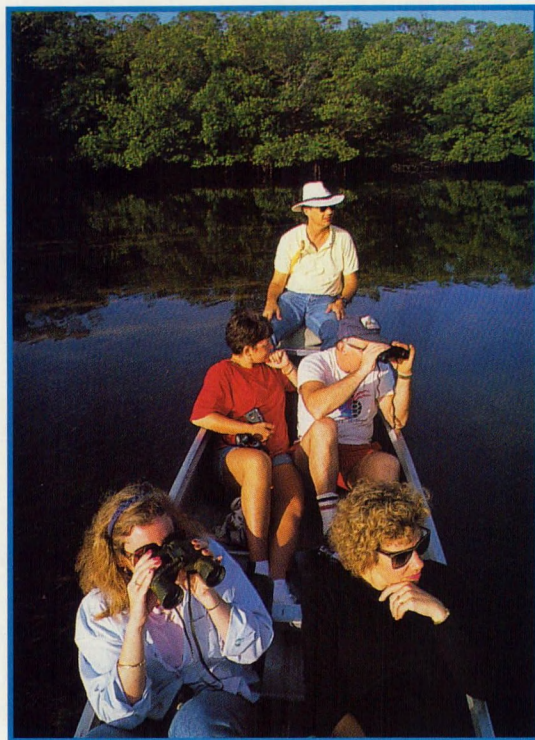
O impulso preservacionista em Sanibel foi dado em 1963 quando a estrada foi aberta trazendo um grande número de hotéis e conjuntos residenciais para aposentados. No espaço de dez anos, os habitantes da ilha, desgostosos com algumas das mudanças, começaram a aprovar rígidas leis para controlar a urbanização. Mas, mesmo agora que as novas construções são submetidas ao impiedoso exame de ambientalistas como Alice Anders, uma espécie de memória geográfica parece



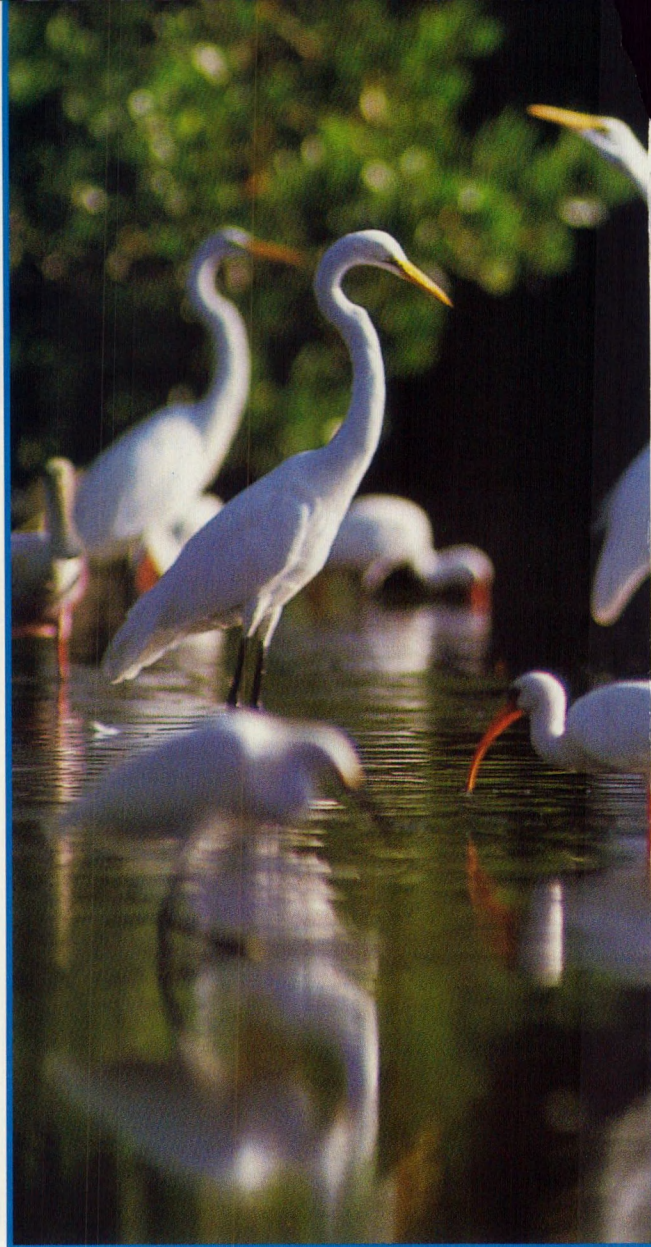
Ilhas do Sudoeste da Flórida



Cone Alphabet



Garças e outras aves (à direita) reinam supremas na tranquila baía de Sanibel. A Reserva Nacional J. N. "Ding" Darling protege esse litoral pantanoso, cheio de manguezais e, nas regiões mais altas, de palmeiras (acima, à esquerda). Pode-se percorrer a reserva de carro, mas os passeios de canoa (à esquerda) dão uma visão mais próxima das atrações do local.



flutuar sobre Sanibel e suas vizinhas. A lembrança nostálgica das ilhas "como eram antes" são caras e sempre repetidas, até por aqueles que lá chegaram há pouco tempo.

Mas nosso primeiro passeio, em bicicletas alugadas no hotel, provou que a ilha pode não ser mais a Sanibel de antigamente, mas também não é a Flórida continental. Sanibel oferece um bem cuidado sistema de 30 quilômetros de ciclovias. Passamos por agradáveis áreas residenciais à beira de um caminho paralelo à estrada principal de duas pistas - a movimentada Periwinkle Way. Nesse percurso, shopping centers com fachadas de madeira semi-ocultos atrás das árvores anunciavam sua presença com sinais discretos - nada do neón e concreto comuns ao longo da estrada principal. À

porta de muitas casas, viam-se bicicletas estacionadas. Se isso é urbanização excessiva, é de uma ordem e de um bom gosto fora do comum. Sempre pedalando, passamos por restaurantes, livrarias, lojas de artesanato, galerias de arte e nada menos que por dois pequenos cinemas-teatros. E, naturalmente, por inúmeras lojas de conchas que ofereciam das espécies locais, mais comuns, às exóticas conchas de moluscos gigantes das Filipinas.

A rodovia Sanibel-Captiva (San-Cap) segue para noroeste passando pela vegetação baixa do interior da ilha. Ao norte fica a Reserva Ecológica J. N. "Ding" Darling, cujo nome homenageia o desenhista já morto, conservacionista e morador de Captiva. Na reserva estão preservados os manguezais e pântanos



Even Cockle



que formam a costa de Sanibel do lado da baía. Vale a pena dar um passeio de carro pela reserva para ver os crocodilos, patos e aves pernaltas; melhor ainda é apreciá-los da água, a bordo de uma canoa de aluguel.

Para ter uma idéia das ilhas “como eram antes”, precisaríamos ir aonde os carros não chegam. Assim, pegamos um barco-táxi para nos levar às ilhotas que pontilham toda a extensão do estreito de Pine Island. Paramos para almoçar na ilha Captiva do Norte. Ali, a única aldeia turística, isolada mas em franco progresso, é acessível apenas de barco ou de avião. Os carros são proibidos de circular e, segundo um morador, “a maioria das pessoas desloca-se dirigindo carrinhos de golfe. São tantos que já ocorrem acidentes”, diz.

Para escapar à competição pelas conchas de Sanibel precisamos alugar um barco e fugir da multidão de “corcundas”. Contornamos a ponta de Cayo Costa e ancoramos numa baiazinha atrás de um areal. Em quilômetros de praia deserta, só vimos dois garotos pescando. Lá havia muito mais variedade de conchas. A quantidade também era muito maior: as ondas chegavam retinindo, como se fossem cheias de fichas de pôquer.

No dia seguinte, deixamos Sanibel antes do amanhecer para pegar nosso avião. Uma nova frente fria chegava do norte, escondendo as estrelas. Passando de carro pela reserva, vimos um par de olhos amarelos no acostamento, nos observando – um lince. Pensei comigo: “Assim que estas ilhas eram antes”.



Banded Tulip

As Ilhas das Conchas

V I A J E B E M

INFORMAÇÃO BÁSICA

Brasileiros precisam de visto para entrar nos Estados Unidos.

QUANDO IR

O clima nas chamadas "ilhas das conchas" da Flórida é temperado o ano todo, embora o calor e a umidade dos meses de julho e agosto cheguem às vezes a níveis excessivos. A alta temporada vai de meados de dezembro a abril, e em julho e agosto também há muito movimento. Durante o outono, mais tranquilo, muitos hotéis, restaurantes e lojas fecham, reabrindo só no feriado de Ação de Graças (meados de novembro).

COMO CHEGAR

De trem (Amtrak): até a cidade de Tampa, e de lá com conexão por ônibus da empresa Greyhound até Fort Myers.

De carro: pela I-75, pegue a saída 21-oeste de acesso à rodovia estadual 869 e vire à esquerda na indicação para Sanibel Causeway. Pela rodovia federal 41, siga a direção oeste na Cypress Lake Dr. e depois entre à esquerda na State 869 para Sanibel Causeway.

De avião: chegada no Southwest Florida Regional Airport, em Fort Myers.

COMO CIRCULAR

Carros e bicicletas, que podem ser alugadas nos hotéis, são os meios de transporte mais usados. O Sanibel Trolley opera em Sanibel e faz vigens até Captiva.

O QUE VER E FAZER

As atrações listadas abaixo são grátis e estão abertas diariamente, a menos que haja indicação em contrário.

Coleta de Conchas

Há grande quantidade de conchas em todas as praias das ilhas. As praias mais frequentadas para essa atividade são Bowman, Sundial, Lighthouse Point e Colony.

Museu de Conchas Bayley-Matthews, Sanibel, 33957.

O museu exibe mostras sobre a formação e a história das conchas e expõe conchas de todo o mundo.

Cabbage Key, Channel Marker 60, Intracostal Waterway. Ilha agreste com acesso somente por barco; destaque para o interessante Cabbage Key Inn, a marina e as trilhas naturais.

Parque Estadual Cayo Costa

Ilha não-habitada e preservada como reserva natural onde é



Misto de restaurante, ponto de encontro e entreposto de produtos para canoagem, este é um estabelecimento comum de encontrar em Captiva.

possível acampar. Ótima para coleta de conchas. Acesso somente de barco.

Refúgio Nacional de Vida Selvagem J. N. Ding Darling

Fica ao longo da Rodovia Sanibel-Captiva. São 2 mil hectares de refúgio, cheio de trilhas para caminhadas e uma estrada interna para passeios de carro. Há excursões por pontos turísticos e passeios de canoa.

Old Schoolhouse Theater e Pirate Playhouse, Periwinkle Way, Sanibel.

São os dois teatros da ilha. O primeiro, uma colorida construção de 1894 e, o outro, um prédio moderno.

Sanibel-Captiva Conservation Foundation, Sanibel-Captiva, 3333.

Oferece excursões e organiza caminhadas por trilhas para conhecer os diferentes ecossistemas das ilhas, além de cursos.

MAIS INFORMAÇÕES

Contate a Sanibel-Captiva Chamber of Commerce, P.O. Box 166, Sanibel Island, FL 33957; 472-1080.

O centro de turismo da Câmara de Comércio fica próximo à ligação com o continente, do lado de Sanibel; abre diariamente.

TEXTO CONDENSADO E ADAPTADO DO ARTIGO DE JONATHAN B. TOURTELLOT, DA NATIONAL GEOGRAPHIC TRAVELER. FOTOS DE DALE GLASGOW/NATIONAL GEOGRAPHIC IMAGE COLLECTION. TRADUÇÃO: ISA MARA LANDO

AS GRANDES VIAGENS

DA



**NATIONAL
GEOGRAPHIC
SOCIETY**

O ESTADO DE S. PAULO



**Estadão.
Plugado no
mundo.**



FLORENÇA



FLORENÇA₅

COMO UMA PINTURA SOBRE O RIO ARNO, FLORENÇA RELUZ
COM O ESPÍRITO DA RENASCENÇA. OBRA-PRIMA EM
TERRACOTA, A CIDADE ITALIANA QUE AJUDOU A ABOLIR A
ESCURIDÃO MEDIEVAL EXIBE SEU LEGADO HISTÓRICO.

CAPA: A CATEDRAL E SUA CÚPULA – O DUOMO – ENFEITAM A CIDADE



DIZEM QUE FLORENÇA DEVE SER VISTA PELA PRIMEIRA VEZ À NOITE. Graças a uma viagem atribulada, só pude dar meu primeiro passeio na cidade de Dante e Michelangelo depois do pôr-do-sol. O céu estava iluminado e o ar fresco e revigorante, quando saí para caminhar à beira do rio Arno. À esquerda, as colinas da Toscana pareciam nascer logo do outro lado do rio; à direita, no centro antigo, holofotes iluminavam as velhas pedras cinzentas.

Caminhei até a célebre Ponte Vecchio, com suas velhas lojas que dão a impressão de estar dependuradas no arco gracioso. Segui na direção norte, até a Piazza della Signoria, cheia de gente alegre. Continuei andando pela parte mais antiga da cidade até chegar ao ponto onde a cúpula – o Duomo – da magnífica catedral de Florença ergue-se acima do labirinto de ruas estreitas, como uma nave espacial alaranjada, marco grandioso em uma cidade tão admirada.

COMO UM ARCO-ÍRIS DE MÁRMORE ROSA, VERDE E BRANCO.

Neste e nos passeios seguintes, surpreendi-me com a modernidade de Florença. Às vezes atordoante – no tráfego, na poluição, nos preços –, às vezes divertida, como o anúncio da “Scuola di Base-ball” colado na parede de um palácio do século XVI. Também notei que a cidade tinha alguma coisa diferente, que levei dias para identificar – a cor. Ao contrário dos ocre arrojadados de Roma e dos suaves tons pastéis de Veneza, em Florença predominam as cores neutras, terrosas. Neste fundo discreto, cada pincelada de cor se destaca: os telhados vermelhos, o mármore do Duomo, as flores que brotam em cada jardim.

A Piazza del Duomo é o coração da cidade. Lá se encontram o Duomo, o Campanário de Giotto e o Batistério – um dos prédios mais velhos de Florença, cuja decoração em verde e branco, do século XII, repete-se em outras igrejas.

Florença é a cidade dos banqueiros de Medici, família envolvida em subornos, intrigas e violência, mas de indiscutível bom gosto e compromisso com as artes. Eles financiaram artistas e arquitetos de Florença e assim ergueram uma tocha que ajudou a Europa ocidental a sair das trevas medievais.

Alguns historiadores marcam o início da Renascença em 1401, ano em que Lorenzo Ghiberti venceu a acirrada concorrência para decorar as portas da entrada leste do Batistério. Os painéis hoje instalados sobre as portas de bronze são réplicas dos originais, que estão no Museo dell’Opera del Duomo.

Filippo Brunelleschi, um dos perdedores do concurso, dedicou-se então a construir a enorme cúpula auto-sustentada, de teto duplo, no alto da enorme catedral de Santa Maria del Fiore – o Duomo. Possivelmente o primeiro renascentista, Brunelleschi era também ou-

Produto da fé e do orgulho, a igreja de Santa Croce foi erguida para superar em tamanho e beleza as igrejas das cidades rivais. Lá estão enterrados gênios como Galileu, Michelangelo e Maquiavel.





rives e soube adaptar engrenagens de relógios às máquinas que ergueram as paredes do Duomo.

Subi a escada de 463 degraus entre duas paredes até o topo do Duomo, e cheguei ao alto justamente quando o sol incendiava as últimas nuvens no horizonte. O telhado cor de ferrugem do Duomo, concluído em 1436, oferece uma estonteante visão do vale do Arno.

Cansado depois de subir esta escadaria, fui revigorar-me em um dos restaurantes da praça. Pedi uma porção de *assaggi*, amostras de cinco tipos de massa. A cozinha local não é famosa pelas massas, mas aquelas estavam maravilhosas.

Recuperado, caminhei até a galeria da Academia, a poucas quadras do Duomo. Lá, o primeiro impacto vem do esplêndido *Escravos*, de Michelangelo. Mas a grande estrela é seu *David*. Os detalhes são magníficos: as veias saltadas nos braços e pulsos, os músculos das pernas, os tendões atrás do joelho.

Se o Duomo é o coração espiritual da velha Florença, a Piazza della Signoria, onde está instalado o Palazzo Vecchio, até hoje sede do governo, é seu cérebro político – intrigante, manipulador. Antes dominado pelos *signori* da cidade-estado, atualmente aloja a câmara de vereadores.

A Galeria dei Uffizi fica a poucos passos da Piazza della Signoria. Este museu abriga uma coleção muito especial de gênios, e é impossível passar rápido por ela. Muitos dos marcos da história que lá são exibidos – como peças de altar de Giotto e Duccio e obras de Botticelli – foram restaurados nos últimos dez anos.

A saída da Uffizi me deixou perto do rio Arno, a pouca distância da Ponte Vecchio, com sua multidão de turistas. Admirei as vitrines dos ourives que aqui praticam sua arte há séculos, mas vi que os preços são astronômicos. Estava, porém, atrás de algo mais precioso que



ouro: o sorvete. Na minha opinião, quem visita a Itália deve aprender a dizer *gelato* antes de “por favor” e “obrigado”.

Outro destaque de Florença são as pitorescas farmácias, como a Officina Profumo-Farmaceutica di Santa Maria Novella, na Via della Scala, fundada em 1612. Lá comprei pílulas para acalmar o sistema nervoso – nome: *Antisterica* –, baseadas em uma fórmula de 1614.

Fora do eixo Duomo-Palazzo Vecchio, visitei em Oltrarno, ao sul do rio, o Palazzo Pitti, moradia dos últimos Medici. O palácio não causa grande impressão, mas o Jardim Boboli, logo atrás, é esplêndido.

Reservei para o final a visita a uma casa medieval-renascentista do século XIV, sem destaque especial, chamada Palazzo Davanzati.

Caminhando por seus cômodos restaurados, com móveis entalhados e, um fenômeno medieval, toailete dentro de casa, lembrei que Florença não é apenas uma cidade de museus.

O Davanzati celebra o momento crucial em que a casa medieval deixou de ser fortaleza e começou a ser um lar. Os florentinos, seguros pela riqueza dos Medici, puderam pensar em algo além de defesa e sobrevivência. Só então a Renascença pôde acontecer.

Florença, por dentro e por fora: a farmácia de Santa Maria Novella (ao lado, em cima), inaugurada em 1612. Na Piazza della Signoria (ao lado, embaixo), um turista toma sol perto da estátua equestre de Cosimo I de Medici, feita por Giambologna; outros turistas apreciam a vista do Jardim Boboli (acima, no alto). O mercado central (acima) oferece as iguarias que agradam ao paladar toscano.

FLORENÇA

V I A J E B E M

INFORMAÇÃO BÁSICA

Para visitas de até 90 dias, brasileiros precisam apenas de passaporte. É obrigatório registrar-se na polícia até três dias após a chegada, mas os hotéis fazem isso para seus hóspedes. A moeda nacional é a lira italiana.

QUANDO IR

A alta temporada vai de meados de maio a meados de setembro; muitos florentinos deixam a cidade em agosto, em férias. Na primavera e outono o clima é mais fresco (10 a 15°C) e há menos visitantes. No verão a temperatura chega aos 30°C. Os invernos são frios (5°C), úmidos e têm menos turistas.

COMO CHEGAR

De avião: para Roma, Pisa ou Milão, e depois de trem até Florença. O aeroporto local serve apenas às cidades vizinhas.

De trem: chegada na Stazione Centrale Santa Maria Novella, na Piazza Stazione.

De carro: Florença fica perto da confluência de duas rodovias importantes: a Autostrada del Sole A1 e a Autostrada Firenze-Mare A11.

COMO CIRCULAR

O aluguel de carros e de táxis é acessível, mas Florença é uma cidade para se caminhar. A maioria dos pontos turísticos fica no lado norte do rio Arno.

O QUE VER E FAZER

Florença oferece uma grande variedade de museus e igrejas. As atrações listadas abrem diariamente e têm entrada franca, a não ser que haja indicação em contrário.

Cappelle Medicee (Capelas Medici), Piazza Madonna degli Aldobrandini. Capelas funerárias dos Medici. Abriga a *Sagrestia Nuova*, de Michelangelo, com os famosos pares *Dia e Noite* e *Amanbecer e Anoitecer*. Fecha nas segundas; cobra ingresso.

Chiesa di Santa Croce (Igreja da Sagrada Cruz), Piazza Santa Croce. Igreja medieval franciscana com museu; os túmulos de Michelangelo, Galileu e Machiavel; afrescos de Giotto; crucifixo de Cimabue e a Capela Pazzi, projetada por Brunelleschi. Fecha às quartas; cobra ingresso.

Chiesa di San Lorenzo (Igreja de São Lourenço), Piazza San Lorenzo. Projetada por Brunelleschi, tem uma antiga Sacristia e abriga os túmulos de vários dos Medici e do escultor Donatello, que projetou os púlpitos. Na Biblioteca Laurentina, projetada por Michelangelo, está a coleção de manuscritos dos Medici. Fecha aos domingos e segundas.

Chiesa di Santa Maria del Carmine (Igreja de Santa Maria do Carmo), Piazza del Carmine. A principal atração é a Capela Brancacci, com afrescos de Masaccio e Filippino Lippi.

Chiesa di Santa Maria Novella (Igreja de Santa Maria Novella), Piazza Santa Maria Novella. Igreja medieval com afrescos de Masaccio, Uccello, Filippino Lippi, Ghirlandajo. Michelangelo estudou arte neste local.

Chiesa di San Miniato al Monte (Igreja de São Miniato do Monte). Igreja medieval, notável exemplo do estilo toscano romanesco. Inclui obras de Luca Della Robbia e um belo cemitério ornamentado.

Convento di San Marco (Convento de São Marcos), Piazza San Marco. Famosos afrescos de Fra Angelico, que foi monge do convento, como *Crucificação* e *Anunciação*. Fecha às segundas; cobra ingresso.

Duomo (Catedral). Conhecida como Duomo di Santa Maria del Fiore. Construção medieval cuja cúpula, projetada por Brunelleschi, inspirou mais tarde a cúpula da catedral de São Pedro, projetada por Michelangelo.

Campanile (Campanário), projetado e iniciado por Giotto em 1334, oferece uma visão panorâmica da cidade. **Battistero** (Batistério) tem três conjuntos de portas trabalhadas em bronze, duas delas de Lorenzo Ghiberti (ambas réplicas). Dentro da igreja há mosaicos bizantinos e a sepultura do papa João XXIII.

Museo dell'Opera del Duomo (Museu da Catedral) expõe obras como *Maria Magdalena* de Donatello, a *Pietà* inacabada de Michelangelo, portas de Ghiberti para o batistério e afrescos de Donatello e Luca della Robbia. O Duomo, o campanário e o museu fecham aos domingos; cobra ingresso.

Galleria dell'Accademia (Academia de Belas Artes), 60 Via Ricasoli. Expõe o *Davi e Escravos* de Michelangelo, obras de Botticelli e Perugino, além de ícones russos. Fecha às segundas; cobra ingresso.

Galleria degli Uffizi (Museu da Galeria dos Uffizi), 6 Loggiato degli Uffizi. Um dos primeiros museus de arte do mundo, contém obras de grandes nomes da Renascença, como Giotto, Da Vinci, Michelangelo, Caravaggio, Rubens e Botticelli. Fecha aos domingos, às segundas não abre pela manhã; cobra ingresso.

Loggia dei Lanzi (também **Loggia della Signoria**), Piazza della Signoria. Prédios com arcadas medievais. No museu de esculturas, estão expostos *O Rapto das Sabinas*, de Giambologna, e *Perseu*, de Cellini.

Museo di Storia della Scienza (Museu da História da Ciência), Piazza de Giudici. Expõe telescópios de Galileu, astrolábios árabes, relógios de sol e modelos anatômicos para uso médico. Fecha aos domingos; cobra ingresso.

Museo del Bargello e Museo Nazionale (Palácio Bargello e Museu Nacional), 4 via del Proconsolo. Famoso museu de esculturas, no

interior de um palácio medieval. Obras de Donatello (*Davi*), Cellini, Michelangelo, Della Robbia. Fecha às segundas; cobra ingresso.

Palazzo Pitti e Galleria Palatina (Palácio Pitti e Galeria Palatina), Piazza dei Pitti. Residência das famílias Medici e Savoia. Abriga diversos museus, entre eles a **Galeria Palatina**, com obras dos séculos XVI e XVII de Rafael, Ticiano e Tintoretto; a **Galeria Silver**, com prataria e móveis dos Medici; a **Galeria de Arte Moderna**, com trabalhos toscanos do século XIX; galerias de trajes de época, porcelanas e carruagens. Atrás do palácio estão os **Jardins Boboli**, (século XVI). Cobra ingresso. **Palazzo della Signoria** (também **Palazzo Vecchio**), Piazza della Signoria. A Prefeitura de Florença. Construída na virada do século XIV, é conhecida por sua torre. Em seu interior, os afrescos *Salone dei Cinquecento* e o estúdio de Fancesco de Medici. Fecha sábado e domingo; cobra ingresso.

Ponte Vecchio. A mais antiga ponte de Florença (1345), hoje tomada por joalherias.

Palácios renascentistas. Há vários, como o gótico **Pallazzo Davanzati** (que abriga os Museus da Antiga Casa Florentina), o grande **Palazzo Strozzi** e o clássico **Palazzo Rucellai**, atualmente Museu de Fotografia Alinari.

Villa il Gioiello, em Pian de Giullari, onde Galileu foi confinado pela Igreja até a sua morte.

COMPRAS

Florença é famosa por seus artigos em couro (Via del Parione e Via della Vigna Nuova), bijuterias (Ponte Vecchio), papel marmorizado (diversas lojas), antiguidades e arte (Borgo Ognissanti). As feiras livres incluem o **Mercato Nuovo**, para roupas e objetos (Piazza del Mercato Nuovo); o **Mercato di San Lorenzo**, para artigos diversos (Piazza San Lorenzo); o **Mercato Centrale**, principal feira de alimentos da cidade; e o **Mercantino**, um mercado de pulgas (Piazza dei Ciompi).

CULINÁRIA FIORENTINA

É composta por pratos simples e tradicionais, como as suculentas sopas à base de verduras e legumes (*ribollita* e *pappa al pomodoro*, de tomate); os pratos à base de feijão (*fagioli*); as carnes grelhadas (*bistecca alla fiorentina*; *papperdelle alla lepre* ou *con porcini*, feito com macarrão e carne de coelho ou com molho de cogumelos) e as sobremesas de *zuccotto* (bolos embebidos em licor), *castagnaccio* (bolo de castanhas) e *biscotti*, biscoitos de amêndoas.

TEXTO ADAPTADO E CONDENSADO DO ARTIGO DE STEPHEN S. HALL, DA NATIONAL GEOGRAPHIC TRAVELER. FOTOGRAFIAS DE DENNIS MARSICO. TRADUÇÃO HELOISA PRIETO

AS GRANDES VIAGENS

DA



NATIONAL
GEOGRAPHIC
SOCIETY

O ESTADO DE S. PAULO



Estadão.
Plugado no
mundo.

ÁFRICA

*Um drama tão antigo quanto a própria Terra,
encenado em uma vasta arena ao ar livre – assim é o
Quênia, onde leões e outros animais selvagens vivem
cenas de exaltação e morte que despertam memórias
primitivas e sonhos há muito adormecidos.*

*Capa: Ameaçados em sua sobrevivência – o índice de
mortalidade é calculado em 43% – os filhotes de guepardo
buscam segurança à sombra protetora da mãe.*

FOTO ROBERT CAPUTO (CAPA E ABERTURA)



NO CORAÇÃO DA
ÁFRICA





STEPHEN KRAEMANN (ACIMA); GUNTER ZIESLER (ABAIXO) STEPHEN J. KRAEMANN/DRK PHOTO

Raposas-de-orelhas-de-morcego (acima) agrupam-se em volta da entrada da toca da família procurando garantir sua segurança diante dos muitos perigos da vida selvagem. As leoas criam todos os filhotes do bando em grupo, sem fazer distinções. Como todas as mães, às vezes perdem a paciência (abaixo).



Na África, a natureza usa mil roupagens diferentes: a pele do leão, a armadura do besouro, a pelagem do gnu. Os animais entram e saem de cena, e encontram morte e redenção num drama de escala épica. Sob a luz do sol, o maior dos refletores, a vida parece teatro, e os momentos se tornam intensos e marcantes.

Eu havia chegado ao Quênia há pouco tempo, e visitava a reserva animal Masai Mara, 150 km a oeste de Nairobi. A paisagem parecia não ter mudado desde o momento da criação, e eu, cidadão ocidental do século XX, estava de volta a pré-história. De repente, meu guia agachou-se e espiou entre as acácias. Ao se erguer, apontou para a frente: vi um bando de zebras mesclado à paisagem.

Masai Mara abriga uma ampla variedade de vida selvagem – 90 tipos de mamíferos, répteis e anfíbios, e mais de 400 espécies de pássaros. A reserva é a parte queniana de um

ecossistema chamado Serengeti, que se estende pela Tanzânia, ao sul. No verão, centenas de milhares de zebras e mais de um milhão de gnus migram para Masai Mara – um dos mais impressionantes desfiles de animais selvagens na face da Terra.

Em uma manhã de passeio pela planície dourada, conseguimos avistar um guepardo, o mais veloz dos grandes felinos da África. Vimos mais animais naquele dia: um filhote de girafa com pequeninos chifres que pareciam tufo de cabelos presos com elástico; centenas de búfalos do Cabo, imóveis; um pássaro-secretário de um metro de altura.

À tarde, vimos uma leoa deitada sob uma árvore, com a pata enorme guardando o que restava de uma zebra: um monte de costelas cheias de moscas, cascos e um pedaço de pele listrada. Na manhã seguinte, já não havia sinal da caçada no local – nem sangue, nem ossos. Provavelmente as hienas tinham acabado com os restos.

*N*o Parque Nacional de Aberdare, elefantes se reúnem perto de uma pousada típica das reservas africanas. Equipada com mirantes, permitem aos hóspedes apreciar em segurança os animais do lado de fora.



ROBERT CAPUTO



Uma girafa (à esquerda) chega a medir quase seis metros de altura, condição indispensável para alcançar as folhas nos galhos mais altos das árvores, e utiliza o lábio superior para arrancar o alimento. Na reserva de Samburu, um “antílope-girafa”, ou gerenuk (ao lado) simplesmente fica em pé nas patas traseiras quando precisa de mais altura para chegar ao seu jantar. Os leopardos (abaixo) caçam seu alimento com a ajuda de muita habilidade, astúcia e boa dose de paciência.

ART WOLFE (ALTO, ESQUERDA, E ABAIXO); ROBERT CAPUTO (ALTO, DIREITA)



NO CORAÇÃO DA ÁFRICA

V I A J E B E M

INFORMAÇÃO BÁSICA

Brasileiros precisam de visto para entrar no Quênia. Como este país não tem embaixada no Brasil, o visto pode ser obtido no Consulado Britânico, responsável pela representação do Quênia aqui. A moeda nacional é o xelim queniano (Sh). As línguas oficiais do Quênia são o inglês e o swahili. Os visitantes devem tomar vacina contra a febre amarela.

QUANDO IR

O clima do Quênia em geral é quente e agradável, embora as noites sejam frescas e as temperaturas caiam consideravelmente nas regiões mais elevadas. A alta estação vai de

dezembro a março e de junho a setembro (acomodações para essas épocas devem ser reservadas com muita antecedência). A migração dos animais através da reserva de Masai Mara, um dos maiores espetáculos da África, ocorre de meados de julho a meados de setembro.

COMO CHEGAR

De avião. Pousos no aeroporto internacional Jomo Kenyatta, em Nairobi, portão de entrada da África oriental.

O QUE LEVAR

Roupas informais e confortáveis, inclusive chapéu e lenço de cabeça, são as mais indicadas para as excursões.

Para os parques nas montanhas, é bom levar roupas mais quentes, como calça comprida e suéter. Leve filtro solar, artigos de toalete, filme para máquina fotográfica e pilhas, pois esses produtos são caros no Quênia.

É BOM SABER

Embora os padrões sanitários do Quênia estejam entre os mais altos da África oriental, é recomendável não comer frutas sem antes descascá-las, evitar saladas e laticínios não pasteurizados. Por segurança, pergunte se a água é potável; na dúvida, beba apenas água engarrafada.

Leve repelente para mosquitos e moscas. Evite contato com os rios e riachos, pois

podem conter parasitas.

Os serviços médicos são relativamente bons, mas a Aids é um risco em potencial. As embaixadas dos países ocidentais podem recomendar médicos de confiança.

O QUE FAZER

O Quênia tem 52 parques e reservas e a melhor maneira de conhecê-los é por meio de safaris. Agências de turismo de Nairobi organizam vários tipos de safaris, incluindo transporte, hospedagem e, dependendo da agência, vôos sobre os parques. As reservas devem ser feitas com antecedência.

TEXTO ADAPTADO E CONDENSADO DO ARTIGO DE JERRY CAMILLO DUNN, DA NATIONAL GEOGRAPHIC TRAVELER
TRADUÇÃO: ISA MARA LANDRO

